



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Faculdade de Formação de Professores  
Centro de Educação e Humanidades  
Departamento de Educação  
Curso de Pedagogia



Joyce Froes Araujo

**Circo Social: Uma Educação Popular para “Crescer e Viver”?**

São Gonçalo  
2010

Joyce Froes Araujo

**Circo Social: Uma Educação Popular para “Crescer e Viver”?**

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura plena em Pedagogia, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Tereza Goudard Tavares

São Gonçalo

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A663 Araujo, Joyce Froes  
Circo Social : uma educação popular para “Crescer e Viver”? / Joyce Froes  
Araujo. – 2010.  
74 f.

Orientadora : Maria Tereza Goudard Tavares.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação popular. 2. Arte e Educação. I. Tavares, Maria Tereza  
Goudard. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de  
Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 37.014.2

Autorizo, apenas para fins de estudo e pesquisa, a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, desde que citada a fonte.

Joyce Froes Araujo

**Circo Social: Uma Educação Popular para “Crescer e Viver”?**

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura plena em Pedagogia, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Aprovado em \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Tereza Goudard Tavares (Orientadora)  
Departamento de Educação da UERJ/FFP

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Vera Pereira Muniz  
Departamento de Educação da UERJ/FFP

São Gonçalo

2010

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado e me deram todo suporte necessário a minha trajetória estudantil e acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pois sem Você nada sou. Obrigada, Senhor, por ter me carregado no colo durante minha graduação, por ter me ajudado a produzir minha monografia e por guiar meus passos. Obrigada porque sei que continuará me abençoando e protegendo daqui pra frente. “Em Você eu sei, me sinto forte. Com Você não temo a minha sorte. E eu sei que isso veio de Você”. (Rosa de Saron).

A Nossa Senhora, pelo Teu carinho materno. E ao teu filho Jesus, por me dar forças, pois “tudo posso naquele que me fortalece!” (Fl 4, 13).

Aos meus pais, que sempre participaram das minhas vitórias, estão participando desta e espero que possam participar de muitas outras conquistas. Agradeço pela confiança deposita em mim. Desejo que a conclusão desta monografia sirva para aquecer vossos corações. Obrigada pelo amor, carinho e apoio. Obrigada por me darem as condições necessárias para viver e estudar. Obrigada por serem meu referencial e minha fortaleza. Enfim, ter vocês como pais é um grande prêmio celestial... “É pedir a bênção em qualquer hora e ter a certeza de que não estamos sozinhos, não.” (Maria Goretti de Oliveira).

A toda minha família, pelas alegrias do convívio familiar. Aos meus avós paternos por estarem vivenciando minha conclusão de curso. Aos meus avós maternos (i.m.) por me ensinarem a amar o circo, que posteriormente tornou-se meu foco de pesquisa. À minha madrinha por ser madrinha no sentido completo da palavra e aos meus afilhados por serem meus presentes de Deus. A todos, sem exceção, que me amam e tiveram que conviver muitas vezes com a frase: “Joyce não pode vir porque está estudando”. Obrigada por terem sido pacientes.

Ao meu namorado, por acreditar que eu sou capaz. Agradeço pela paciência, pela compreensão nos momentos que eu precisava estudar e também pelas contribuições. Espero ainda poder compartilhar muitas outras vitórias com você.

Obrigada por ser parte da minha vida e, conseqüentemente, da minha História. Obrigada pelo incentivo e companheirismo. Pois já diria o poeta: “De tudo, ao meu amor serei atento”. (Vinicius de Moraes).

Às minhas amigas “FFPeanas”, que passaram junto comigo momentos de desespero, angustias, nervosismos, desentendimentos, tristezas e brigas. Obrigada pela ajuda na produção deste trabalho monográfico e por estarem comigo ao longo de toda minha trajetória acadêmica. Obrigada por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis e também compartilharem comigo muitos e muitos momentos de amizade, alegrias, brincadeiras, bobagens e diversão. Afinal, não é à toa que é: “Sempre o povinho da UERJ”!

A todos os meus amigos, pelo carinho e preocupação. Agradeço pelas dicas e colaborações. Obrigada por fazerem parte da minha história de vida e por me fazerem ter certeza que: “Amigo é quem te dá um pedacinho do chão, quando é de terra firme que você precisa, ou um pedacinho do céu, se é o sonho que te faz falta. [...] Amigo é aquele que te diz ‘eu te amo’ sem qualquer medo de má interpretação. [...] Amigo é pra sempre, mesmo que o sempre não exista.” (A.D.).

À minha orientadora, que me fez acreditar não ser quimera a realização de um trabalho monográfico sobre circo. Obrigada pela orientação, disposição e empenho. Obrigada pelas horas dedicadas e contribuições durante todo o percurso de trabalho.

À minha parecerista e demais professores, por compartilharem comigo seus conhecimentos e por saberem que “não há docência sem discência”. (Paulo Freire). Obrigada pelo vigor de ensinar e pelos grandes exemplos que são.

Ao coordenador de projetos do *Se Essa Rua Fosse Minha*, pela oportunidade de conhecê-lo no ano de 2009, quando era professor contratado da FFP/UERJ. Obrigada por ter me enviado sua dissertação e alguns outros materiais que me ajudaram a entender o que é Circo Social.

Ao *Crescer e Viver*, seus profissionais, educandos e ex-educandos, pela disponibilidade e amizade. Obrigada por toda ajuda e ensinamentos. Sem vocês não seria possível realizar este trabalho monográfico. Agradeço por tudo que aprendi em nossos encontros, visitas e entrevistas.

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

## RESUMO

O presente trabalho monográfico, cujo tema é o Circo Social como instrumento educacional, foi construído a partir das aulas da disciplina “Educação Popular”, cursada durante a graduação em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. A diversidade cultural, social e étnica muitas vezes é descartada pela educação escolar ao tentar fazer dos educandos seres homogêneos, sem considerar suas particularidades e identidades individuais. É perceptível que o processo de construção da identidade individual também se dá no coletivo, na sala de aula e em vivências compartilhadas. Por outro lado, faz-se necessário valorizar a bagagem de cultura e de conhecimento trazida pelo sujeito, construída na sua vida sociocultural. É preciso, pois, aceitar e compreender o outro, especialmente nas relações que travamos no cotidiano da escola. Considerando que a escola não é o único lugar de construção de saber, é importante discutir a aparente controvérsia da educação que ocorre fora do contexto escolar. Assim, somente é possível entender e discutir a educação não formal de maneira mais ampliada, a partir do Circo Social e suas “pedagogias”, no momento que a educação é encarada como um conceito amplo, não limitado à escolarização. Neste sentido, a monografia em tela pretende investigar o Circo Social *Crescer e Viver* em São Gonçalo como uma ferramenta de emancipação social e disponibilizar um material que apresente a importância da arte – no caso deste estudo, a arte circense – como instrumento de educação, contribuinte na transformação da vida dos sujeitos desta pesquisa.

Palavras-chave: Circo Social; Educação Popular; Arte-educação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 DESMITIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO</b> .....	13
<b>2 APRESENTANDO O CONCEITO DE CIRCO SOCIAL NO BRASIL</b> .....	20
<b>2.1 Algumas considerações sobre o ensino de arte circense no Brasil</b> ....	23
2.1.1 <u>E então surge o Circo Social</u> .....	25
2.1.1.1 <u>Breve relato histórico do Crescer e Viver</u> .....	27
<b>3 CIRCO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL?</b> .....	32
<b>3.1 As relações do Circo com a Educação</b> .....	32
3.1.1 <u>A aliança entre Circo Social, alegria e educação libertadora</u> .....	37
<b>3.2 Relatos e reflexões sobre o circo social Crescer e Viver</b> .....	42
3.2.1 <u>A escolha do tema</u> .....	42
3.2.2 <u>Ponto de partida</u> .....	42
3.2.3 <u>Entrando em contato e “a chegada da estranha”</u> .....	43
3.2.4 <u>Olhares curiosos se cruzam com olhares participantes: O que dizem os educandos e educadores do projeto</u> .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, AINDA QUE PROVISÓRIAS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	59
<b>APÊNDICE A</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as Entrevistas.....	63
<b>APÊNDICE B</b> – Roteiro de entrevista com educando que também é monitor do Crescer e Viver: Perguntas Base.....	65
<b>APÊNDICE C</b> – Roteiro de entrevista coletiva com ex-educandos do Crescer e Viver: Perguntas Base.....	69

## INTRODUÇÃO

O tema – O Circo Social como instrumento educacional – da presente monografia, foi construído a partir das aulas da disciplina “Educação Popular”, cursada durante o 5º período da minha graduação em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesta disciplina tive contato com leituras sobre as camadas populares que me levaram a defender a arte como ferramenta libertadora capaz de educar e ajudar na luta contra a exclusão social, o racismo, a discriminação étnico-racial, a violência, a pobreza, a dor, o abandono, e tudo o que constitui parte da realidade cruel em que estas pessoas estão inseridas. A exclusão social, na qual as camadas populares vivem, envolve, portanto, desde o econômico-social até o afetivo.

Em debates e leituras sempre é posto em questão o fato de que a aprendizagem se dá no coletivo e que é preciso dar sentido ao que se aprende, às coisas e ao mundo, como nos ensina Paulo Freire. Por acreditar que crianças, adolescentes e jovens têm inúmeras potencialidades que devem ser desenvolvidas não só na escola, como também a partir de práticas pedagógicas alternativas, me interessei por conhecer experiências educativas mais significativas, no ponto de vista destes sujeitos.

A diversidade cultural, social e étnica muitas vezes é descartada pela educação ao tentar fazer dos sujeitos seres homogêneos, sem considerar suas particularidades e identidades individuais. É perceptível que o processo de construção da identidade individual também se dá no coletivo, na sala de aula e em vivências compartilhadas. Por outro lado, faz-se necessário valorizar a bagagem de cultura e de conhecimento trazida pelo sujeito, construída na sua vida sociocultural. É preciso, pois, aceitar e compreender o outro, especialmente nas relações que travamos no cotidiano da escola.

Considerando que a escola não é o único lugar de construção de saber, é importante discutir a aparente controvérsia da educação que ocorre fora do contexto escolar. Assim, somente é possível entender e discutir a educação não formal de maneira mais ampliada, a partir do Circo Social e suas “pedagogias”, no momento que a educação é encarada como um conceito amplo, não limitado à escolarização.

Numa sociedade tão hierarquizada como a nossa, com tanta disparidade social, parece ser “natural” a idéia de superioridade cultural. Segundo Alfredo Bosi (1992), a cultura se apresenta como condição de vida, como poder, trazendo, assim, uma visão elitizada do mundo àqueles que possuem “cultura”. Isto faz surgir em mim uma inquietação com relação à falta de significação das culturas das classes subalternas, das culturas das camadas populares, ou seja, das culturas ditas como “inferiores” ao “padrão” tido como hegemônico. Estas culturas encontram-se submersas devido à relação de poder e identidade, tornando difícil determinar o que é culto do que é popular, já que a cultura é vista como um saber “superior”, como o saber da elite. Essa história submersa encontra-se, também, nas manifestações populares, como na arte e na cultura popular.

Neste sentido, buscando compreender a educação na sua diversidade e pluralidade cultural, procurei como campo de pesquisa o Circo Social do *Crescer e Viver*, no município de São Gonçalo, entendendo-o como uma prática pedagógica alternativa que parece perceber o seu educando como um ser repleto de saberes e potencialidades, um ser em constante transformação e com identidade própria. Foi tendo como base essas questões que resolvi pesquisar as práticas deste projeto, considerando-o um espaço de potência para as crianças, adolescentes e jovens gonçalenses.

A Escola de Circo Social do *Crescer e Viver* localizava-se, no início do meu estudo monográfico, no Centro Integrado da Educação Pública Pastor Waldemar Zarro (CIEP 249), no bairro Brasilândia do município de São Gonçalo. Em meados de 2008, é transferida para as dependências do Centro Integrado da Educação Pública Jornalista Wladimir Herzog (Ciep 237), no bairro Paraíso do mesmo município. Este projeto utiliza as artes circenses como instrumento para educação, cidadania, resgate cultural e oportunidade de novas condições de vida para crianças, adolescentes e jovens dos meios populares.

Este trabalho monográfico pretende pesquisar de que forma a escola de Circo Social do *Crescer e Viver* desenvolve concretamente as suas atividades, problematizando as concepções pedagógicas e políticas que atravessam essas atividades. Pretende, também, disponibilizar um material que apresente a importância

da arte – no caso deste meu estudo, a arte circense – como instrumento de educação, contribuinte na transformação da vida dos sujeitos desta pesquisa.

O primeiro capítulo desta monografia (trabalho de conclusão de curso), intitulado “Desmitificação da Educação: uma análise sobre a Educação e Escolarização”, tem por objetivo esclarecer o real significado de Educação, não o restringindo a educação que se dá no ambiente escolar.

O segundo capítulo, “Apresentando o conceito de Circo Social no Brasil” e seus sub-capítulos, mostra o que é este conceito, expõe o ensino da arte circense e o surgimento do circo social no Brasil. Este capítulo, também, faz um breve apanhado histórico da instituição Crescer e Viver.

O terceiro capítulo, que se chama “Circo Social e Educação Popular: Uma Pedagogia possível?”, apresenta as relações existentes entre circo e Educação, bem como a ligação que existe entre Circo Social, alegria e Educação Libertadora. Além disso, é neste capítulo que se inicia a reflexão, propriamente dita, do projeto Crescer e Viver de São Gonçalo, buscando defender as idéias estudadas anteriormente.

Por último, as considerações finais propõem algumas pontuações, contribuições e conclusões provisórias para este trabalho, por meio de uma perspectiva crítica-reflexiva da realidade do projeto em São Gonçalo e de seus participantes e ex-participantes.

## 1 DESMITIFICAÇÃO<sup>1</sup> DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Para iniciar este processo de pesquisa, é fundamental conceituar e diferenciar “Educação e Educação Escolar (ou Escolarização)”. Isto porque – sem entender que educação se dá há todo momento e pelo simples ato de viver – limita-se a educação aos conhecimentos adquiridos dentro da sala de aula decorrentes dos conteúdos programáticos. Neste sentido, Neidson Rodrigues (2002) afirma:

Não distinguindo Educação e Educação Escolar (ou escolarização), cria-se um reducionismo no imaginário social que leva a sociedade a considerar a Educação como simples instrumentalização dos indivíduos para o exercício de diversas funções sociais. Verifica-se por essa via que a própria concepção de cidadania fica delimitada a um modo de agir e de se comportar transformados em expectativa social a que todos devem se submeter. (RODRIGUES, 2002, p. 13)

E é exatamente esta concepção errônea sobre Educação que se pode chamar de *educação bancária*<sup>2</sup>. Já que esta é vista como mercadoria e está fundamentada nos princípios de dominação, de opressão, de domesticação, de imposição de saberes e de alienação.

Paulo Freire (2005) ainda afirma que na *educação bancária*:

a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 2005, p. 68).

A opressão no âmbito educacional se dá, portanto, quando grande parte dos educadores é apenas formada para transmitir conteúdos, programas, áreas e

<sup>1</sup> Segundo o dicionário Michaelis, *mitificar* significa “converter em mito”. E segundo o dicionário Aurélio, dentre outros significados, *mito* é uma “idéia falsa, que distorce a realidade ou não corresponde a ela”. Sendo assim, Desmitificação da Educação seria tirar a mitificação desta.

<sup>2</sup> Termo utilizado por Paulo Freire em sua *Pedagogia do Oprimido* (2005).

disciplinas. Sendo assim, cristalizam seu pensamento, pois acreditam contar uma verdade total e definitiva. Os educadores passam a ser narradores de seus saberes e os educandos – considerados por estes como seres não pensantes, sem experiências ou conhecimentos prévios – meros ouvintes. Não existe a comunicação, não se compartilha experiências. Os educadores transmitem informações aos educandos que devem recebê-las e memorizá-las.

A Educação passa a ser vista, apenas, como uma ferramenta para atingir as necessidades do mercado; como por exemplo, até pouco tempo, o exercício do trabalho e, atualmente, a formação de sujeitos capazes de disputarem algum cargo no mercado de emprego, bem como, em provas de concurso, vestibular e ENEM.

É em oposição a esta pedagogia *bancária* opressora que Freire nos leva a refletir que “a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes.” (FREIRE, 2005, p. 78).

Ainda nesta concepção, Rodrigues (2002) disserta:

[...] um aspecto decisivo na ação educativa ao longo do processo civilizatório: a formação integral do ser humano. Mas, formação integral – como essa expressão perdeu sentido! – significa bem mais do que a preparação dos indivíduos para ocuparem espaços num mundo onde os espaços se encontram cada vez mais encolhidos pela ganância, pelo excesso de produtos, pelo tempo fragmentado, pela multiplicidade de objetos, pelo desejo não disciplinado, pela corrupção dos valores, pela excessividade das informações. (RODRIGUES, 2002, p. 15).

A Educação, ao restringir-se aos interesses econômicos, perde a sua principal dimensão e sua razão de ser, pois, deixa de integrar-se à vida social dos seres humanos. A Educação enclausurada ao espaço e tempo escolares acaba por confinar a Escolarização aos interesses particulares do mercado. A escola passa a ter sua finalidade atribuída de fora, ao pôr de lado sua função de formação humana para priorizar a estabilidade de destinos individuais. E ao oferecer esta educação utilitária, forma homens inaptos a praticar sua liberdade.

O que acontece com a Educação na atualidade é, justamente, a limitação em seu sentido e em sua extensão. Em contrapartida, a Educação Escolar deve ser muito mais do que, simplesmente, a imposição de escolhas delimitadas pelo mercado e pelo individualismo competitivo; precisa fornecer aos seres humanos condições para o

exercício de sua liberdade, autonomia e humanidade. Constituí-se, pois, a finalidade da Educação: formar trabalhadores; pesquisadores; pensadores; críticos; cidadãos; sujeitos não-alienados, morais, livres e produtivos; indivíduos capazes de transformar o mundo e torná-lo mais igualitário; pessoas que lutam pelos seus direitos e os exercem; homens que batalham pelos seus desejos, vontades, preferências, necessidades, bem-estar, valores e alegria de viver; e tudo mais que lhe queira conceder.

Ao estudar o passado e referir-se aos primórdios da Grécia antiga, também chamados pelo autor de clássicos, Neidson Rodrigues (2002) chama atenção ao seguinte fato: “os gregos unem alegria e conhecimento, festa e aprendizado. [...] a Educação é o meio pelo qual se preserva a cultura e o espírito do povo.” (RODRIGUES, 2002, p. 26).

Este autor ainda evidencia: “Curiosa união os gregos nos legaram como herança: o Templo da sabedoria pode e deve ser igualmente o Templo do prazer.” (RODRIGUES, 2002, p. 26). Daí o grande desafio da Educação: ser ao mesmo tempo educativa e prazerosa. A Educação precisa ser algo que agrade e traga alegria aos educandos. Ela precisa ter significado, valor de uso e importância para o indivíduo.

A Educação Escolar carece de tornar-se um espaço de formação e não apenas de qualificação e treinamento. Os educadores, conscientes de sua atribuição mediadora de uma nova humanidade, fazem da Educação o caminho pelo qual surgirá uma civilização livre e com poder.

Sendo assim, os educadores precisam – ao ver os educandos como pessoas – se redescobrirem como humanos, ensinantes de algo a mais que somente a matéria escolar. Tendo isto em vista, passam a relativizar os conteúdos, repensando-os e selecionando-os, buscando a melhor formação de seus educandos. Afinal, o direito à educação não deve ser restrito à escola e ao domínio de habilidades primárias, mas também ao conhecimento, ao saber, à cultura e seus significados, à memória coletiva, à identidade, à diversidade, ao desenvolvimento como humano no seu sentido completo.

Ainda no quesito Educação, podemos observar uma “subdivisão” (ou “classificação”), defendida por alguns autores, dos tipos de educação existente. Neste momento, isto pode suscitar um melhor entendimento de que a Educação, de fato,

ocorre não somente no ambiente escolar. Daí surge as seguintes nomenclaturas: Educação formal, Educação não-formal e Educação informal.

”Evidentemente, a educação não escolar sempre existiu.” (TRILLA, 2008, p.16). A escola é, somente, uma das formas que compõem a educação e, junto com ela, existe uma grande diversidade de instrumentos e ambientes educacionais. Estes – como afirma Trilla (2002) – “não devem ser vistos necessariamente como opostos ou alternativos à escola, mas como funcionalmente complementares a ela.” (TRILLA, 2008, p. 18)

Fala-se muito em *educação permanente*. O que, às vezes, se pode não perceber é que educação não se limita à escolarização. Sendo assim, “educação permanente” não deve ser sinônima, apenas, de “escolarização permanente”.

Neste sentido, mesmo que a idéia de educação permanente denote apenas a extensão no tempo do fato educacional, conota ao mesmo tempo sua extensão horizontal ou institucional: a operacionalização da idéia de educação permanente exige a disponibilidade de muitos outros recursos educacionais além dos escolares. (TRILLA, 2008, p.25)

Grandes discussões ocorrem na tentativa de diferenciar os tipos de educação. É grande o número de definições e critérios de caracterização para o que se chama de Educação formal, Educação não-formal e Educação informal. É importante, entretanto, destacar que estas denominações tornaram-se populares a partir da publicação do livro de Coombs: *The world educational crises (A crise mundial da educação)*, que teve sua edição original em 1968, sendo reescrita em 1985. Nesta obra, os três tipos de educação são conceituados da seguinte forma:

[...] a *educação formal* compreenderia “o ‘sistema educacional’ altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade”; a *educação não-formal*, “toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis”; e a *educação informal*, “um processo, que dura a vida inteira, em que pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio” (COOMBS, 1975, p.27 apud TRILLA, 2008, p. 32 e 33, grifo do autor).

Portanto, a Educação formal seria aquela realizada no âmbito escolar com seus procedimentos convencionais e com a intenção de educar; a Educação não-formal seria

a que não segue estes procedimentos escolares, que ocorre fora da escola e que, também, tem a intenção de educar; já a Educação informal seria aquela que ocorre em qualquer ambiente (sem precisar dos ditos profissionais da educação) e não tem, necessariamente, a intenção de educar. Em outras palavras, a primeira seria o escolar; a segunda seria qualquer tentativa educacional que ocorre fora do sistema escolar, não baseada em currículo, de modo diferenciado ao comum e não estruturada como o sistema educativo graduado e hierarquizado; enquanto que a terceira seria a que ocorre de maneira espontânea no dia-a-dia, a partir de experiências e vivências diárias.

Por outro lado, a definição que Trilla (2008) propõe em seu texto é:

Entendemos por educação não-formal o conjunto de processos, meios e instituições específica e diferenciadamente concebidos em função de objetivos explícitos de formação ou instrução não diretamente voltados à outorga dos graus próprios do sistema educacional regrado. (TRILLA, 2008, p. 42).

Em outras palavras, para ele, educação não-formal é o:

[...] conjunto de meios e instituições que geram efeitos educacionais a partir de processos intencionais, metódicos e diferenciados, que contam com objetivos pedagógicos prévia e explicitamente definidos, desenvolvidos por agentes cujo papel educacional está institucional ou socialmente reconhecido, e que não faz parte do sistema educacional graduado ou que, fazendo parte deste, não constitui formas estrita e convencionalmente escolares. (TRILLA, 1985, p. 22 apud GHANEM, 2008, p. 63).

Com esta problemática, Trilla (2008) amplia o leque da Educação não-formal, não restringindo à escola (ou não) e à intencionalidade (ou não) a diferenciação entre a tripartição da Educação.

Em outro momento, Trilla (2008), relata os âmbitos da educação não-formal. Dentre eles, o que é interessante para este estudo é o *âmbito da educação social*. Questão que será retomada – direta ou indiretamente – a seguir, quando for discutido o Circo Social. Afinal, a discussão proposta por esta monografia é, justamente, a educação social através do circo. Neste sentido:

Outro mundo educacional não-formal que nossa sociedade tem feito crescer de forma muito notável é o composto por todas aquelas instituições e programas destinados a pessoas ou coletivos que se encontram em alguma situação de conflito social: centros de acolhida, centros abertos, educadores de rua, programas pedagógicos em centros penitenciários etc. (TRILLA, 2008, p.44).

A Educação é uma combinação de experiências educacionais diversas. Cada experiência ocorre em função das anteriores e é ponte para as seguintes; além disso, o que um ser aprende em um determinado ambiente educacional interage com o que aprende em outros ambientes que participa. De fato, a educação não ocorre de modo isolado e interdependente. “Assim, parece claro que as educações formal, não-formal e informal, mesmo que nem sempre estejam ligadas orgânica ou explicitamente, estão funcionalmente relacionadas.” (TRILLA, 2008, p.46).

Por outro lado, é verdade que a associação entre elementos não-formais (e/ou informais) ao sistema escolar não ocorrerá de forma satisfatória se não houver uma mudança no modelo de escola, no qual esta é vista como concessora de saberes, mas, em contrapartida, proporciona aprendizagens nada ou pouco significativas e saberes memorizados desligados de interesses próprios e/ou experiências reais; e vice-versa.

A educação não-formal, também, tem por intenção o ato de estender a educação e abrange, em sua maioria, sujeitos menos privilegiados do sistema escolar convencional. Com o passar do tempo, a inclusão de camadas populares ao campo formal tem ocorrido de forma mais efetiva. E, como salienta Trilla (2003), “as educações formais, não-formais e informais, o escolar e o social, estão cada vez mais entremeados, o que tem muito de positivo. Por isso, já não valem certos maniqueísmos, típicos em seu momento, do ar de família da educação social.” (TRILLA, 2003, p. 43 apud GHANEM, 2008, p. 83).

Vale, pois, ressaltar que, da mesma forma que a Educação Formal não é solução de todos os problemas, a Educação Não-formal e a Informal não são um remédio para todos os males. Como o próprio Trilla (2008) nos alerta: “é certo que a educação não-formal está longe de ser a solução milagrosa para a multidão de problemas da realidade educacional atual ou futura.” (TRILLA, 2008, p. 54). É tanto despotismo depositar toda a responsabilidade educacional na escola quanto acreditar que a educação não-formal seja milagrosa. Do mesmo modo, não admitir a importância da primeira é tão equivocado quanto negar o subsídio da segunda.

Tendo em vista tudo o que foi disposto neste capítulo inicial, podemos dizer que a concepção de Educação abrange uma dimensão muito mais ampla. Amplitude esta que é quase impossível descrever e analisar num trabalho de conclusão de curso,

como configuro o meu trabalho monográfico. Educação é uma ação contínua de formação humana, buscando sempre incorporar o ser humano a sua realidade; e o processo de escolarização ainda parece ter a finalidade restrita de compartilhar e assimilar conhecimentos e habilidades práticas.

## 2 APRESENTANDO O CONCEITO DE CIRCO SOCIAL NO BRASIL

O primeiro projeto de Circo Social – *Se Essa Rua Fosse Minha (SER)* – passa a existir a partir dos anos 90 com o intuito, segundo o site deste projeto<sup>3</sup>, de mover a sociedade e o poder público em prol das questões da juventude que vive em situação de rua e, concomitantemente, ser uma ação educativa de integração e garantia de direitos.

O conceito de Circo Social surge da perspectiva de fazer da linguagem circense uma estratégia de ascensão pessoal e social. É, portanto, a fusão entre o mundo do circo e um determinado tipo de educação popular.

Segundo Claudio Andrés Barría Mancilla (2007), o Circo Social nasceu na rua, por meio de um trabalho que ia de encontro aos meninos e meninas que lá estavam; ao mesmo tempo em que se traduzia numa discussão sobre a utilização dos espaços públicos e urbanos.

César Marques – que na época do lançamento do projeto de Circo Social era educador social de rua e hoje é secretário executivo do SER – apud Barría Mancilla (2007, p.192, informação verbal), propôs a seguinte pergunta: “mas quando eles não estão bancando o ‘vilão’ ou ‘coitadinho’ do ‘filme’, de quê que eles brincam?” E foi assim – provido da busca incessante por modificar a realidade da garotada e da necessidade de lutar, através do uso da arte e da ludicidade como ferramentas pedagógicas, pelos direitos desta – que surgiu o movimento dos educadores irem às ruas.

Barría Mancilla (2007) ainda comenta que os educadores tinham a consciência de que antes de serem “de rua” estes meninos e meninas eram crianças e adolescente com sonhos, potencialidades, imaginação, qualidades, aptidões; eram, antes de tudo, seres humanos. E para que estes sujeitos pudessem se tornar visíveis, esses educadores propuseram (e posso dizer que eles continuam propondo) atividades lúdico-artísticas e criação de espaços de expressão.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.seessaruafofseminha.org.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2009.

O mesmo autor elucidava que a proposta de usar as técnicas circenses como meio de aproximação e de conquista de objetivos pedagógicos, surgiu da observação das brincadeiras que a meninada realizava nas ruas, e das destrezas desenvolvidas e compartilhadas uns com os outros, formando um processo de ensino-aprendizagem baseado no lúdico. E acrescenta:

A equipe logo iria perceber que as artes circenses ainda facilitavam o reencontro dessa garotada com o imaginário de uma magia e fantasia próprios da infância prematuramente perdidas. Assim, os educadores, na reflexão sobre o trabalho das oficinas de técnicas circenses implementadas nas ruas de Copacabana, em parceria com artistas da Intrépida Trupe, colocavam as bases para o conceito que viria a se espalhar pelo Brasil e o mundo, naquele ato simbólico de levantar a lona. (BARRÍA MANCILLA, 2007, p.194)

Júnior Perim, coordenador do *Crescer e Viver*, em vídeo (informação verbal)<sup>4</sup> divulgado pelo “canal crescer e viver no site youtube”<sup>5</sup> diz que: “Circo Social é hoje, algo que muitas outras organizações fazem no Brasil, que é utilizar o circo como ferramenta pedagógica alternativa no processo de educação e desenvolvimento de crianças e jovens, sobretudo no campo popular.” (JÚNIOR PERIM, 2007).

Por outro prisma, Barría Mancilla (2007) diz que o conceito de Circo Social introduz uma reflexão contínua sobre a prática, a qual não deve limitar-se ao simples proporcionar de oficinas de técnica circense para crianças em dificuldades socioeconômicas. Este ainda defende que:

Hoje o Circo Social parece ser muito mais do que uma metodologia, constituindo-se também, de fato, num campo específico do fazer Circense, cujas implicações e desdobramentos atingem desde o campo das políticas públicas até a abertura de um novo ‘mercado de trabalho’ para os circenses. (BARRÍA MANCILLA, 2007, p. 195).

Portanto, de acordo com este pensamento, o conceito de Circo Social, atualmente, ultrapassa a prática de oficinas circenses em projetos de cunho social. Em

---

<sup>4</sup> Vídeo, de título *Circo Social*, produzido pela cineasta Marcia Derraik para o prêmio Cultura Nota 10 (2007) que o *Crescer e Viver* foi vencedor. Disponível em: <<http://br.youtube.com/crescereviver>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

<sup>5</sup> No canal do Crescer e Viver encontra-se vídeos sobre o fazer artístico e sócio-cultural do *Crescer e Viver*. Disponível em: <<http://br.youtube.com/crescereviver>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

verbetes<sup>6</sup> escrito por Barría Mancilla (2006), este conceito é visto como: “uma proposta político-pedagógica que aposta no desenvolvimento criativo e na construção de cidadania a partir dos saberes, necessidades e potencialidades das crianças, adolescentes e jovens das classes populares.” (BARRÍA MANCILLA, 2006).

A metodologia de Circo Social, encontrada neste mesmo verbete, é definida como um diálogo pedagógico no âmago da educação popular. Este diálogo ocorre com a utilização da arte circense na expectativa de oferecer a oportunidade de transformação social e de ascensão da cidadania.

Barría Mancilla (2006) termina o verbete com a seguinte consideração:

Educar com circo é apostar na alegria e recuperar todo o potencial civilizatório de uma arte milenar, que desde suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico e do mágico, a superação dos limites, a convivência e criação coletivas e acima de tudo, a brincadeira e o jogo levados a sério. São estes alguns dos elementos que baseiam a concepção do Circo Social. O Circo Social sonha com um mundo diferente, integrado e solidário, que se aceite como o que é: o lugar de todos: redondo, itinerante e a céu aberto. (BARRÍA MANCILLA, 2006).

Manifesta-se nestas palavras a consciência da importância do brincar e da necessidade da brincadeira e do jogo ser encarados como algo sério na educação. Com a idéia de Circo Social se finda a separação que existe entre lúdico, brincadeira e o que é sério. Isto porque se entende que “é possível aprender brincando, é possível aprender com a brincadeira, com o jogo.” (SODRÉ, 2002, p. 26). Afinal, brincando, a criança aprende, por exemplo, a se relacionar com os colegas e a descobrir o mundo à sua volta.

---

<sup>6</sup> Verbetes escrito por Claudio Andrés Barría Mancilla, coordenador de projetos do *Se Essa Rua Fosse Minha* e representante nacional do Circo Social nas Câmaras Setoriais de Cultura, por solicitação da coordenação deste órgão do Ministério da Cultura (MinC). Disponível em: <<http://www.mataddesign.com/ser/circsoc.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

## 2.1 Algumas considerações sobre o ensino de arte circense no Brasil

Este subtítulo tem por finalidade entender como se deu e se dá o processo de desenvolvimento do ensino da arte circense nas escolas no Brasil, a partir do estudo feito por Emínia Silva e Rogério Sette Câmara em artigo publicado pelo site Pindorama Circus<sup>7</sup>.

Segundo Silva e Câmara (2004), até pelo menos a primeira metade do século XX, para ser do circo era preciso se unir a ele e aprender a sua arte ou ser filho de um circense. Quando filho de um circense, a criança iniciava sua formação e aprendizagem, praticamente, desde o seu nascimento.

Era no ensinar prematuramente a arte circense que se garantia a continuidade do circo. Afinal, a criança, ao aprender o saber circense, levaria em si este saber e, no futuro, se tornaria um educador. E mesmo os que não eram aptos a realizar os números de risco, inclusive os portadores de problemas físicos, aprendiam e realizavam outras atividades, tais como: armavam e desarmavam, trabalhavam na bilheteria, tocavam instrumentos, cantavam, dançavam.

Apenas os circenses sabiam armar e desarmar a lona e os “aparelhos”, portanto, não bastava aprender a executar números, era necessário conhecer a arte de armar e desarmar o circo. Neste sentido:

Aprender a dar um salto mortal, por exemplo, muitas pessoas aprendiam, não precisavam de circo pra isso. Mas, saber “empatar uma corda ou um cabo de aço”, confeccionar um “pano”, “preparar uma praça”, ser mecânico, eletricitista, pintor, construir seu próprio aparelho, armar, desarmar, isso tudo é que diferenciava um artista circense de outros artistas. (SILVA E CÂMARA, 2004).

Os autores ainda afirmam que as atividades circenses desenvolviam uma rica produção cultural, com uma multiplicidade de linguagem artística (não só acrobática), o que tornava o circo uma escola única e permanente.

A realidade da organização do trabalho e educação circense, que se baseava na transmissão oral dos saberes e no ensinar à geração seguinte, passou por mudanças, como apontam Silva e Câmara (2004) em seu artigo. Isto porque, na década de 50

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.pindoramacircus.com.br/novo/textos/textos.asp>>. Acesso em: 03 maio 2008.

muitos circenses começaram a se preocupar com a educação “formal” dos seus filhos, ou seja, a transmissão oral de conhecimentos, o aprendizado coletivo e necessidade de formar portadores dos saberes circense, passam a não ser condição. Além disto, a partir da década de 60, o artista circense, individualmente e não mais o grupo familiar artista, passa a ser contratado para trabalhar no espetáculo sem que fossem necessárias outras atribuições ao seu cargo de artista.

Por outro lado, mesmo com as mudanças ocorridas, ainda se sustenta o pensamento de que o método pedagógico circense prevê a formação global da pessoa, isto significa que, como já dito anteriormente, o artista de circo deve ter conhecimento de tudo o que envolve o circo, desde a acrobacia até o próprio aparelho de trabalho.

As transformações que aconteceram no modo de ensino-aprendizagem do circo fizeram que se tornasse cada vez mais sólida a idéia de se formar uma escola de circo no Brasil, a qual poderia formar também pessoas que não fossem nascidas em circo ou vinculadas a este.

No Brasil, a primeira tentativa de se ensinar arte circense em outro lugar que não fosse o ambiente familiar ou da lona, foi em 1978 com a criação da Academia Piolin de Artes Circenses na cidade de São Paulo. Esta escola, que funcionava inicialmente de baixo das arquibancadas do estádio do Pacaembu e posteriormente em uma lona no Anhembi (atual sambódromo), era vinculada à Secretaria de Estado da Cultura, porém, devido à falta de verba e de apoio desta Secretaria, parou de funcionar em meados de 1983.

Mas foi em maio de 1982 que se fundou a mais antiga escola de circo em funcionamento: a Escola Nacional de Circo no Rio de Janeiro. No início do processo, um dos principais objetivos desta escola era a continuidade do ensino da arte aos filhos de circenses freqüentadores de escolas formais.

Em 1990, com a reforma administrativa iniciada pelo Presidente da República Collor, a Escola Nacional de Circo fechou, voltando a funcionar em agosto de 1991, após a criação do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura – IBAC.

O plano de trabalho da Escola Nacional de Circo de 1993, que foi elaborado em 1992, era: “formação do artista circense e reciclagem para profissionais circenses do Brasil e do exterior.” (SILVA E CÂMARA, 2004). Ademais, a Escola deixava de ser,

somente, o prolongamento da família circense para se tornar uma instituição que formaria profissionais para enfrentar o mercado de trabalho, por meio de um curso regular de quatro anos.

A partir do ano de 1990, segundo os autores Silva e Câmara (2004), o circo passa a ser considerado uma ferramenta pedagógica da arte-educação. E é ao considerar a atividade circense um instrumento abundante em valor pedagógico e de formação do indivíduo que começam a surgir projetos sociais que buscam com a atividade circense, a inclusão social, além de preparar para a vida e aumentar a auto-estima e vontade de aprender e vencer, de crianças e adolescentes desfavorecidos de direitos.

### 2.1.1 E então surge o Circo Social

A partir de 1980, o movimento de arte-educação no Brasil teve como proposição a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica, bem como estudos sobre a educação estética do cotidiano, que serviria de complemento na formação artística dos alunos.

E dez anos depois – nos anos 90 – o circo passa a ser utilizado como tema de trabalho em arte-educação. Assim, projetos sociais e de formação, ao empregar o circo, buscam valorizar os conhecimentos técnicos da atividade no ensino da arte circense.

O ensino da arte circense como atividade pedagógica possibilita o desenvolvimento corporal e a aprendizagem dos valores artístico e cultural; e a prática se dá por meio de apresentações e da criação de números de técnicas circenses. Sendo assim, o desafio do ensino desta arte para crianças, adolescentes e jovens é, justamente, dar fundamento em relação ao fazer artístico e valores culturais que podem ser explorados nas atividades.

“A aprendizagem é o centro de toda educação.” (SILVA E CÂMARA, 2004). Neste sentido, os autores atestam que ensinar algo a alguém implica uma ação recíproca de estudante, conteúdo e professor, uns nos outros; ou seja, é preciso

interação entre todas as partes envolvidas no processo. Para isto é necessário que o educador compreenda como o sujeito aprende e quais condições afetam sua aprendizagem.

E é seguindo esta linha de raciocínio que Paulo Freire (1996), logo no primeiro capítulo de sua *Pedagogia da Autonomia*, nos alerta:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da sua produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 22, grifo do autor).

Ainda neste parâmetro, Freire (1996) nos ensina:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que o conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa [...] (FREIRE, 1996, p. 23)

Em sua base, o circo faz uso de habilidades corporais para alcançar seus objetivos. Porém, reproduzir modelos, apesar de produtivo, torna-se insuficiente ao processo de ensino. Como nos instrui Freire, “formar é muito mais do que puramente treinar.” (FREIRE, 1996, p.14). É preciso, pois, que se tenha o conhecimento dos fundamentos e conceitos que contextualizam o ensino circense – tais como: formas de abordar as técnicas; entender os aspectos do comportamento humano que envolve aprendizagem; ter ciência das medidas de segurança e proteção – para que ocorra uma formação consciente. Assim:

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1996, p. 26).

Como já mencionado no início deste capítulo, tudo começou na década de 90 com o *Se Essa Rua Fosse Minha (SER)*. Portanto, não se pode falar em circo social sem citar o *SER*, isto porque este foi pioneiro no uso de técnicas circenses como ferramenta pedagógica. Segundo Barría Mancilla (2006), a intenção deste projeto era utilizar o lúdico em sua metodologia e perceber o potencial criador de crianças, adolescentes e jovens. Seu projeto inicial foi lançado em 1991 investindo na prática da linguagem circense como utensílio pedagógico no trabalho com meninos e meninas de rua. Assim, surgem as bases do conceito de Circo Social.

O trabalho com a linguagem circense na construção de autonomia e cidadania, bem como, na promoção pessoal e social serviu de modelo para a fundação do programa social Cirque du Monde (uma parceria entre Cirque du Soleil, Jeunesse du Monde e SER) que ajudou a difundir o Circo Social pelo mundo.

Em 2000, amplia-se no Brasil a discussão teórica-prática sobre o Circo Social com a criação da Rede Circo do Mundo Brasil (RCM-Br), que hoje é composta por 25 instituições que trabalham com Circo Social nas cinco regiões do país. Neste mesmo ano, surge o Programa Social *Crescer e Viver* em São Gonçalo.

#### 2.1.1.1 Breve relato histórico do Crescer e Viver

Não há como escrever um trabalho monográfico sobre uma instituição sem saber sua história, sem conhecer sua base e suas origens. Este sub-capítulo – baseado no link “Histórico” do site do *Crescer e Viver*<sup>8</sup> – faz, de forma sucinta, um apanhado histórico deste projeto desde seu começo, no ano de 2000, até os dias de hoje.

Em meio ao carnaval – uma grande expressão da cultura popular brasileira – inicia, no ano 2000, uma ação que mais tarde seria o projeto social conhecido como *Crescer e Viver*. Naquele ano, a lei 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente completava 10 anos. Por isso, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra escolheu para o carnaval de 2001 o enredo: “Um sonho

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.crescereviver.org.br/>. Acesso em: 13 nov. 2009.

possível, crescer e viver agora é lei”. Dá-se início a um conjunto de ações sociais com o objetivo de proporcionar, em horário não-escolar, ocupação produtiva para crianças, adolescentes e jovens da comunidade do Porto da Pedra em São Gonçalo; município localizado no estado do Rio de Janeiro. A quadra da escola de samba, que até então era utilizada somente para atividades ligadas ao carnaval, passa a oferecer oficinas diversas (tais como: dança, percussão, capoeira, judô, violão, futebol, etc.) com a ajuda do comércio local, que oferecia doações, e com o trabalho voluntário dos componentes da escola de samba.

No ano seguinte, o G.R.E.S. Porto da Pedra é campeão do carnaval 2001 e sobe do Grupo de Acesso A para o Grupo Especial, o que amplia a visibilidade não só da escola de samba como também das ações sociais desenvolvidas por esta. A demanda aumenta e com ela surge a necessidade de novos investimentos. A escola de samba, no entanto, não poderia realizar tais investimentos porque precisava preparar o seu desfile. Nasce mais uma necessidade: dar início a um novo ciclo institucional para as ações sociais, tendo em vista a construção de alternativas de manutenção, desenvolvimento e sustentabilidade.

Em 2002, com a intenção de manter a tarefa de ampliação das ações sociais, Junior Perim convida Vinicius Daumas para unir-se a este empreendimento. Inicia-se uma reformulação que resulta na escolha por priorizar o desenvolvimento de ações de cultura e arte circense e com o patrocínio da Telemar e do Instituto Telemar (hoje, Oi e Instituto Oi Futuro e Lei Estadual de Incentivo à Cultura) cria-se o “projeto Escola de Circo Pequeno Tigre”, nome que se referia ao tigre que é símbolo da escola de samba Porto da Pedra. O trabalho de formação e de ensino-aprendizagem das artes circenses como projeto político-pedagógico de circo social – que hoje é realizado pelo *Crescer e Viver* – inicia-se neste dado momento.

No ano de 2003, as metas eram: firmar uma nova estrutura institucional; e produzir uma metodologia de circo social focada na educação para cidadania e que complemente a educação de crianças, adolescentes e jovens de classes populares. O projeto alia-se a outras organizações e ingressa na Rede Circo Mundo Brasil. A UNESCO convida o *Crescer e Viver* para participar do Programa Escola de Paz aos fins de semana, oferecendo oficinas e atividades de circo social em quatro unidades da

rede pública estadual de ensino de São Gonçalo. Neste mesmo ano, vinte e três participantes do projeto atuam no elenco do DVD “Xuxa só para baixinhos 5 – Circo”. Em novembro deste ano, a instituição consolida-se como organização não-governamental (ONG) passando a possuir autonomia jurídica, administrativa e financeira.

Em 2004, o juiz titular da 1ª Varada Infância e Juventude da Comarca do Rio de Janeiro (desembargador Siro Darlan de Oliveira) propõe a expansão do trabalho desenvolvido pelo *Crescer e Viver* para o município do Rio de Janeiro. No dia 12 de outubro – com a ajuda de Capemi (hoje, Capemisa), Dreams Can Be Foundation, Correios, Governo do Estado do Rio de Janeiro e 1ª Vara da Infância e Juventude – inaugura-se a Lona de Circo do Crescer e Viver na Praça Onze, próximo ao Sambódromo, onde desenvolve atividades de circo social com crianças, adolescentes e jovens em situação de rua e da comunidade local.

No ano de 2005, a sede da Unidos do Porto da Pedra muda para outra comunidade e escola de samba termina a parceria com o *Crescer e Viver*. O projeto de São Gonçalo passa a ser realizado no Centro Integrado de Educação Pública Waldemar Zarro (Ciep 249), próximo às antigas instalações, o que possibilita a continuidade do trabalho com os mesmos educandos. Ainda neste ano, o *Crescer e Viver*, através do seu coordenador executivo Junior Perim, torna-se representante da Rede Circo do Mundo Brasil na Rede Internacional de Formação em Circo Social, e a organização, por meio de seleção pública, começa a ganhar o apoio do Programa Criança Esperança.

Em 2006, o Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura escolhe o *Crescer e Viver* como um dos cinquenta e seis Pontos de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro. Ganha, no final deste ano, o Prêmio Funarte Carequinha de Estímulo ao Circo no Módulo-Formação. Tendo em vista a contribuição para a inserção produtiva de jovens – tanto do projeto de São Gonçalo quanto do Rio de Janeiro – que elegeram o circo como área de trabalho e profissionalização; atribui-se a esta instituição, a expansão do seu campo de ação, a partir da ampliação de sua metodologia para algo que também abrangesse dimensões simbólicas e econômicas das artes circenses. Por isso, o *Crescer e Viver* convida a atriz, diretora teatral e pesquisadora Alice Viveiros de Castro

para montar um espetáculo cênico circense, no qual os procedimentos de modelagem, montagem, produção e apresentação fossem executados pelos próprios educandos. Assim, o objetivo era criar um espaço de aprimoramento e ampliação do repertório artístico destes jovens.

No ano de 2007, com a aprovação da Petrobras e da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura, inicia-se a preparação do espetáculo “Vida de Artista – a arte de construir um espetáculo”, cujo elenco era formado por jovens deste projeto de circo social. O espetáculo ficou em cartaz durante três meses na Lona de Circo Crescer e Viver, na Praça Onze. Depois houve, ainda, uma turnê que passou por teatros e locais culturais dos bairros da Tijuca (RJ) e Madureira (RJ), bem como, pelos municípios de Duque de Caxias (RJ), São Gonçalo (RJ) e Belo Horizonte (MG). “Vida de Artista” foi assistido por mais de 30.000 expectadores, sendo assim, sucesso de público e crítica.

Em agosto de 2008, a falta de um espaço próprio faz com que o projeto de São Gonçalo mais uma vez mude de endereço. As aulas de circo social passam a ser desenvolvidas no Centro Integrado da Educação Pública Jornalista Wladimir Herzog (Ciep 237), no bairro Paraíso, um pouco mais distante da primeira comunidade de atuação. Neste novo local, ocorre uma grande mudança de público, visto que apenas alguns educandos antigos permaneceram. E, como no CIEP 237 os alunos são matriculados em horário integral, a maioria dos novos participantes era da própria instituição de ensino. Neste mesmo ano, um novo espetáculo é criado, a partir da obra *UNIVVVERRSSO GENTILEZA* do professor e pesquisador Leonardo Guelman, para ser estrelado pelos jovens participantes do *Crescer e Viver* e para ser apresentado na Lona de Circo Crescer e Viver, na cidade do Rio de Janeiro. O espetáculo “UNIVVVERRSSO GENTILEZA – o mundo é redondo e o circo arredondado” atualiza a missão do Profeta Gentileza por meio da linguagem circense.

Em abril de 2009, devido à falta de verba, encerra-se o projeto do Crescer e Viver de São Gonçalo. E apenas três educandos de São Gonçalo permanecem participando do *Crescer e Viver* na Lona do Rio, por fazerem parte da Cia Crescer e Viver. Pelo terceiro ano consecutivo, o Crescer e Viver prepara um espetáculo. Desta vez, com “BAIÃO – a homenagem do circo a Luiz Gonzaga”, os jovens artistas

circenses contam a história deste sanfoneiro nordestino embalados pela trilha sonora de Daniel Gonzaga (neto de Gonzagão).

### 3 CIRCO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA PEDAGOGIA POSSÍVEL?

A intenção deste trabalho de pesquisa – como já citado na introdução – é refletir sobre a importância da arte como ferramenta educacional, especificamente no meio popular, tomando como fonte empírica a escola de Circo Social do *Crescer e Viver* de São Gonçalo.

Historicamente, no Brasil, a educação do povo nunca foi efetivamente uma prioridade do Estado e das elites nacionais. De forma muito resumida, podemos afirmar que, em nosso país, a *produção do fracasso escolar*<sup>9</sup> tem sido uma regra, e não uma exceção.

Neste sentido, ganhou uma dimensão quase estratégica, e de enorme importância político-educacional, projetos e iniciativas educativas que, na contramão das iniciativas oficiais de *educação bancária*, busca favorecer uma educação popular fundamentada no respeito à arte como possibilidade de articulação entre o “mundo da vida” o “mundo da escola”, tendo em vista as mediações que as diferentes linguagens artísticas produzem na relação de compartilhamento e construção do conhecimento nos meios populares.

Para consolidar os objetivos desta monografia torna-se, pois, imprescindível investigar as relações existentes entre o circo e a educação, bem como, analisar o circo social *Crescer e Viver* em si.

#### 3.1 As relações do Circo com a Educação

Atualmente, no Brasil, percebemos uma ampliação do acesso à escola, entretanto, o crescimento do número de matrículas não está diretamente relacionado ao aumento da qualidade de ensino. Do mesmo modo, “estudos têm apontado a precarização tanto nas condições de formação e de trabalho dos professores, quanto

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por Maria Helena Souza Patto (1996) para intitular sua obra a respeito deste assunto.

nas condições materiais de atendimento escolar e de organização do ensino” (SAMPAIO e MARIN, 2004 apud COSTA, TIAEN e SAMBUGARI, 2008). E é em busca da melhoria da qualidade de ensino e de outros problemas – como os citados anteriormente – que se torna indispensável viabilizar meios facilitadores de aprendizagem e atividades que estimulem o envolvimento, tanto dos alunos quanto dos próprios professores, com a escola.

Entendemos, conforme Georges Snyders (1993), que:

De tanto mostrar os limites da escola, de ficar mostrando quase que tão-somente os limites da escola, arriscamo-nos a esquecer como ela pode ajudar o povo a se conscientizar do papel que representa e do papel que deve representar. O que não significa, absolutamente, que estejamos satisfeitos com a escola como ela é, nem que contemos mecanicamente com a escola como ela é para atingir semelhantes fins. (SNYDERS, 1993, p. 192).

É evidente que o circo e suas mediações culturais não são a solução de todos os problemas escolares, muito menos os projetos de Circo Social – como qualquer outro projeto político-pedagógico de âmbito social – são a fórmula mágica para a solução de todos os problemas da sociedade. Todavia, as atividades circenses podem ser ferramentas para a construção de cidadania e melhoria humana e social, do mesmo modo, podem atuar como instrumentos de dinamização do processo de ensino-aprendizagem.

De modo geral, a educação tem em vista “o desenvolvimento das múltiplas potencialidades humanas, em sua riqueza e diversidade, para o acesso as condições de produção de conhecimento e da cultura.” (NEIRA, 2006, p. 6 apud DUPRAT, 2007, p. 50). E, segundo Pérez Gallardo (2008), a escola tem a função de:

[...] socializar o conhecimento universalmente produzido, com todos os integrantes da sociedade, de acordo com as características, necessidades e expectativas da população escolar. Como também possibilitar a vivência de valores humanos de convívio social que sejam relevantes para viver nesse grupo social. (PÉREZ GALLARDO, 2003 apud PÉREZ GALLARDO e GUTIÉRREZ, 2008).

Entendendo a escola, historicamente, como um dos principais meios de ensino-aprendizagem e produção de cultura e cidadania, surgem questões como: quais os valores adequados e quais os saberes necessários e úteis para o desenvolvimento dos alunos? Buscando atender esta demanda que alguns autores têm protestado a favor do

uso da arte circense no contexto educacional. Lucas Vieira de Lima Silva e Naerton José Xavier Isidoro (2008), ao defenderem a arte circense como um conteúdo importante, afirmam:

As práticas circenses, especificamente no contexto do ensino formal, não devem se limitar ao âmbito da diversão ou configurar-se como um meio de extravasamento das energias acumuladas pelos alunos, nem tão pouco se relacionar à busca do rendimento físico. Mas, serem abordadas como um conhecimento acumulado ao longo da história que mediante um trato pedagógico pode contribuir na formação de um aluno crítico capaz de agir no seu meio social enquanto sujeito historicamente situado no tempo e no espaço. (ISIDORO e SILVA, 2008, p. 87).

As experiências educacionais envolvendo práticas circenses são, em sua maioria, desenvolvidas por ações filantrópicas e de esfera social. Entretanto, também nestas instituições, deve-se fazer uso das atividades circenses como meio de formação crítica. Afinal, como afirma Freire, “a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade”. (FREIRE, 1979, p.30). Porque somente quando compreende sua realidade, quando tem atitudes críticas, quando toma consciência de seu poder de transformar-se e de transformar; que o homem consegue procurar soluções, transformar sua realidade e libertar-se. Sendo assim:

A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo.  
É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação. (FREIRE, 1980, p. 40).

De acordo com Marcos Antonio Coelho Bortoleto e Gustavo Arruda Carvalho (2003 apud PÉREZ GALLARDO e GUTIÉRREZ, 2008), a escola é um dos meios fundamentais de difusão e produção de cultura e o circo é uma parte importante da cultura corporal. Ainda neste sentido, Bortoleto (2006 apud COSTA, TIAEN e SAMBUGARI, 2008) acentua que as atividades circenses podem ser contribuintes na formação humana, pois suscitam sensações e geram uma motricidade que torna favorável a produção de aspectos da conduta humana.

No que diz respeito ao corpo, Reinaldo Matias Fleuri (2008), ao estudar sobre rebeldia e democracia na escola, declara:

Michel Foucault (1977) chama de “disciplinas” aos métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo e a sujeição constante de suas atividades. [...] A disciplina adentra os indivíduos, articulando em sua atividade duas características: docilidade e produtividade.

O conjunto dessas estratégias de controle social que incidem sobre o corpo das pessoas configura o “poder disciplinar”. (FLEURI, 2008, p. 471).

Sabendo que “o poder disciplinar identifica e articula indivíduos, tornando-os controláveis e produtivos” (FLEURI, 2008, p. 472) e que “a disciplina constitui-se, portanto, num conjunto de dispositivos de poder” (FLEURI, 2008, p. 472), percebemos que a escola procura – por meio da hierarquia existente entre diretor, supervisor, coordenador, auxiliares, inspetores, professores e estudantes; da vigilância e de outras medidas disciplinares – normalizar e domar os alunos. Sendo assim, concluímos que, enquanto a maioria das escolas tenta moldar, domesticar e disciplinar os corpos para que estes não se expressem, a escola de Circo Social considera o corpo como fonte de criatividade e como elemento essencial de seu trabalho, ou seja, necessita que ele se expresse porque utiliza o corpo como uma linguagem não-verbal.

Ainda neste sentido, Fleuri (2008) contextualiza:

Do ponto de vista dos estudantes, [o recreio] apresenta-se como uma lacuna na monotonia escolar. É uma brecha privilegiada, para serem realizadas práticas prazerosas e criativas, uma vez que pode sair da sala, encontrar-se com outros colegas, trocar notícias, estabelecer acordos, tomar lanche, ir ao banheiro, divertir-se... [...]

Também outros eventos, como reuniões de professores e responsáveis de estudantes, atividades do grêmio estudantil, reuniões sindicais de funcionários e professores, festas de diversos tipos, passeios, atividades extraclasse etc., se apresentam como espaços relativamente livres e, portanto, mais favoráveis ao desenvolvimento de relações criativas e solidárias. (FLEURI, 2008, p. 475).

Partindo deste ponto de vista, podemos considerar que o Circo Social faz parte desses *espaços relativamente livres...* Relativamente porque não o são de forma total. Afinal, as aulas de Circo Social não fazem parte da grade curricular – logo, não são obrigatórias – e os educandos que participam destas estão ali por escolha. Porém, a partir do momento que estão no projeto, estão para participar das aulas e aprender o que lhes é proposto. Desta forma, acreditamos ser este um espaço favorável ao desenvolvimento da criatividade, solidariedade, liberdade, comunicação e diversão.

Podemos dizer, portanto, que o circo propicia o desenvolvimento integral dos educandos porque oferece perspectivas de desenvolvimento afetivo, social, motor e

cognitivo. Portanto, unir circo e educação é proporcionar a formação cidadã e harmonizar aspectos educativos, inovação didática, inclusão, prática social, ludicidade, coletividade, dinâmica e construção de conhecimento.

Estudos mostram que o circo no ambiente escolar, apesar de não fazer parte do conteúdo programático do currículo das escolas, funciona como aliado da Educação Física e demais disciplinas, já que suas atividades não se limitam ao trabalho com o corpo. Ao utilizar o circo como ferramenta de ensino e aprendizagem, possibilita-se outras formas de saberes e observa-se que:

Durante o processo de ensino e aprendizagem, os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto-superação e da auto-estima. (COSTA, TIAEN e SAMBUGARI, 2008, p. 201).

Do mesmo modo, os projetos sociais, que utilizam o circo como utensílio de educação e de recreação, usufruem do mesmo potencial educativo. Assim, Ermínia Silva (2008) salienta que nestas ações:

O circo, entendendo todo o conjunto de saberes presentes em sua elaboração enquanto linguagem, é utilizado como instrumento de aproximação/motivação dos grupos com que trabalha, tendo em perspectiva o seu uso como ferramenta pedagógica de valorização dos diferentes saberes dos educandos, como parte da experiência de vida dos mesmos. (SILVA, 2008, p.208).

A linguagem circense, além de ser utilizada como meio educativo, também pode vir a se tornar um meio de geração de trabalho e renda. Entretanto, nestes projetos sociais, há a consciência da não exploração do trabalho infantil. Sendo assim, o circo deixa de ser visto apenas como meio de entretenimento e começa a ser utilizado como ação educacional e um possível campo de profissionalização.

Na maior parte dos projetos, uma das primeiras razões para a utilização do circo como metodologia pedagógica no trabalho com crianças e adolescentes está, segundo Silva, no campo simbólico (no imaginário das pessoas): “o circo é um mundo envolto em magia, alegria, beleza e cheio de desafios”. (SILVA, 2008, p.209).

É imprescindível enfatizar a afirmativa feita por Silva (2008) em seu texto: “Quem irá imprimir um caráter ético cidadão a qualquer que seja a técnica ou ferramenta pedagógica será o sujeito que a está praticando.” (SILVA, 2008, p.209). Ou seja, de

nada adianta recursos pedagógicos inovadores se as pessoas que fazem exercício deles não estiverem dispostas a fazer o social. A linguagem circense, como qualquer outra linguagem artística e cultural, quando utilizada como ferramenta ou dispositivo pedagógico, depende diretamente do modo que é pedagogicamente usada pelos indivíduos e projetos sociais que a produzem.

Neste sentido, Paulo Freire (1996) nos alerta que “a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza”. (FREIRE, 1996, p. 33). Se não houver um comprometimento com a educação, esta não ocorrerá efetivamente. É preciso que os projetos sociais – bem como demais meios e profissionais da educação – pensem e repensem suas práticas, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1996, p. 39).

### 3.1.1 A aliança entre Circo Social, alegria e educação libertadora

É possível dizer que uma importante relação entre a alegria e a educação libertadora é justamente a alegria de, por meio da educação, conseguir se libertar. Assim, afirma Georges Snyders (1993):

[...] em relação à própria cultura: os alunos “proletários” podem contar com um tipo de alegria escolar que, em última instância, pareceria reservada a eles quase especificamente: a esperança de não serem mais dominados, de serem menos duramente dominados, de lutar melhor contra as dominações. (SNYDERS, 1993, p. 191).

E o Circo Social, em sua prática, quer possibilitar alegria e libertação. Isto porque, em seu propósito, busca o desenvolvimento integral de seus educandos, busca a democratização, ludicidade e a cidadania, busca ascensão social e pessoal.

Como já citado anteriormente, “educar com circo é apostar na alegria” (BARRÍA MANCILLA, 2006). Retomando a esta frase, percebe-se que alegria está intrínseca no circo. Seja porque o circo causa contentamento aos teus expectadores e praticantes – neste último, pode-se ressaltar a aprendizagem significativa e prazerosa – ou por suas cores, músicas e diversão, por seu aspecto lúdico e seus números engraçados.

Além da alegria, há no mundo circense uma grande variedade de emoções e sensações. Neste sentido, Mário Fernando Bolognesi (2003) afirma que, o circo é um espetáculo no qual prevalece o registro sensorial. “O espetáculo circense obedece a uma seqüência de números de atrações que alternam sensações diversas: o medo, a admiração, a alegria, etc.” (BOLOGNESI, 2003, p. 187).

Estando a alegria intrínseca no circo, do mesmo modo, está em relação ao Circo Social; visto que este procura educar utilizando a arte circense para contribuir para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens das classes populares. E como utilizar o circo como ferramenta pedagógica sem que haja alegria? Seria o mesmo que uma aula de dança sem música ou uma aula de música sem instrumentos.

Outro aspecto importante é a figura do professor. Este precisa querer educar com alegria. De pouco adianta esta alegria intrínseca no circo, se o educador de circo social não estiver predisposto a educar com alegria. Neste sentido, Snyders (1993) inicia um dos capítulos de seu livro da seguinte forma:

Eu usaria de bom grado, como epígrafe a esse tema, uma seqüência do filme L’Aile ou la Cuisse. Coluche faz os jovens expectadores de um circo rirem às gargalhadas ao jogar um balde d’água num palhaço. O pai dele, Funés, afirma que aquilo não requer inteligência nem é difícil de fazer; repete então o mesmo gesto e nenhuma das crianças acha graça. Então Coluche diz: “É preciso ter vontade de fazê-las rir” – e eu traduzo: é preciso que o professor tenha vontade e, o que é mais difícil, continue a ter vontade de formar jovens na alegria. (SNYDERS, 1993, p. 75).

Ainda neste sentido, Paulo Freire (1996) nos ensina que mesmo que o comprometimento com a alegria não dê a certeza da transmissão dela aos educandos, é preciso manter-se nela:

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas, preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar. (FREIRE, 1996, p.72).

Do mesmo modo, é preciso comprometer-se com a libertação. É preciso conscientizar homens de sua situação para que eles lutem por sua liberdade. Mas, não basta estar frente a frente com a realidade e saber que a libertação é necessária; é preciso *ação-reflexão*. Ou seja: “Afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto

peças, devem ser livres, mas não fazer nada para que esta afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia.” (FREIRE, 1980, p. 59).

Do mesmo modo, Freire (1996) afirma que não devemos olhar para a realidade com conformismo:

A realidade, porém, não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar. Eu me sentiria mais do que triste, desolado, e sem achar sentido para minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação. Domínio em que dificilmente se poderia falar de opções, de decisão, de liberdade, de ética. (FREIRE, 1996, p. 75)

Sabemos que o Circo Social surgiu da ação de educadores junto às crianças em situação de rua. Daí a confirmação de que “a esperança não consiste em cruzar os braços e esperar” (FREIRE, 1980, p. 84), pois o Circo Social, para além da união de técnicas circenses como meio de educação popular, é uma tentativa de tornar real – para crianças, adolescentes e jovens do meio popular – a condição de pessoas livres e sujeitos de sua própria situação.

O Circo Social vê esses meninos e meninas das classes populares como seres humanos de fato, repletos de potencialidades, habilidades e sonhos. Não são vistos como “coisas” ou *quase “coisas”*, mas sim como seres humanos. Afinal, “a libertação dos oprimidos é a libertação de homens e não de ‘coisas’. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros.” (FREIRE, 2005, p. 60).

Paulo Freire (1996) ensina que o professor e a escola devem “respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela [escola] saberes socialmente construídos na prática comunitária”. (FREIRE, 1996, p. 30). Assim, o Circo Social percebe seus educandos como seres que possuem saberes, pois foi exatamente os observando, partindo de seus conhecimentos prévios, que se escolheu o circo como campo de atuação.

Por saber, dentre outras coisas, que ninguém se liberta sozinho e que ninguém se educa sozinho; que seus educandos são pessoas que possuem conhecimentos prévios; que a mudança é possível e que é preciso lutar por ela; que conhecimento não se transfere e sim se constrói; que é preciso trabalhar com a democracia, a participação

e a diversidade cultural; que é necessário o desenvolvimento da capacidade dos educandos enxergarem o contexto onde estão inseridos; que é importante a valorização da pessoa e da vida... Podemos dizer que o Circo Social está associado a uma educação libertadora que se baseia na alegria, no sonho e na certeza de que nada é impossível.

Segundo Roberto Muniz Barretto de Carvalho (199-), Snyders, em sua obra, analisa a alegria e defende que é possível que esta exista na escola. E isto não quer dizer que o aluno não encontrará dificuldades, muito menos que não terá que cumprir normas e fazer exercícios, dentre outras obrigatoriedades. Encontrar alegria na escola seria mais um artifício na batalha contra a soberania e exploração, contra a exclusão educacional, contra o fracasso escolar, contra a existência de uma educação imposta pela classe dominante, etc. Para afirmar esta idéia, Carvalho (199-) disserta:

Snyders defende uma pedagogia que, de fato, possibilite a formação do indivíduo, que lhe permita realizar-se (ter alegria) e poder atuar na sociedade modificando-a, superando as contradições e problemas que esta apresenta. (CARVALHO, 199-, p. 5)

Carvalho (199-) ainda explica que o conceito de alegria, para Snyders, vai além do sentido habitual. Vejamos:

O conceito de alegria desenvolvido por Snyders não é uma alegria qualquer, *um estado de graça*, um descomprometimento, um afastamento da realidade e seus problemas. É a alegria de compreender, de sentir, descobrir a realidade, de poder decifrá-la e sobre ela atuar, de romper com as inseguranças e incertezas, buscar a plenitude, as formas mais acabadas, seja nas artes, nas técnicas, na ciência, etc. A alegria que Snyders tem em mente é a busca da originalidade, da criatividade, da auto-superação e crescimento constante das potencialidades dos indivíduos, da supressão (ou pelos menos sua diminuição) das inseguranças, do medo e incertezas. É a alegria de saber, de conhecer e poder escolher criticamente as diversas possibilidades oferecidas pela realidade. É [...] o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas. (CARVALHO, 199-, p. 12 e 13).

Observemos agora um trecho, escrito por Emanuel Angelo da Rocha Fragoso (2001), que reafirma esta idéia defendida por Snyders:

No dicionário *Aurélio*, o termo *alegria*, significa a qualidade ou estado de alegre, contentamento, satisfação, júbilo, prazer moral, felicidade, divertimento, festa. De fato, este significado diz respeito somente às propriedades ou ao estado de um sujeito, ou à qualidade de um objeto, de provocar ou estimular em um sujeito, um estado ou um sentimento, que podemos designar genericamente como de bem estar. Neste sentido, a *alegria* não é constitutiva do sujeito; ela é necessariamente posterior ao sujeito constituído; ou seja, o sujeito, após sua constituição, tem alegrias ou não. Para Snyders,

ao contrário, a *alegria*, não só é constitutiva do sujeito formado, do adulto, como também é constitutiva do sujeito em formação, do jovem, presente neste enquanto jovem e tendo importância fundamental na formação deste; ou seja, a *alegria* também é constitutiva do jovem.

Não é por acaso que Snyders vai iniciar o seu livro citando a definição de *alegria* de Benedictus de Spinoza, encontrada em sua obra intitulada *Ética*, livro III, proposição 11, escólio, que define *alegria* como “a passagem de uma perfeição menos a uma perfeição maior” (1988, p. 19). [...]

A alegria, na concepção spinozista, é afirmada não só como constituinte do sujeito, mas também como fator determinante da evolução deste. (FRAGOSO, 2001, p. 17).

Por outro ponto de vista, podemos dizer, numa linguagem mais coloquial, que alegria é, simplesmente, se sentir bem e realizado, é ter liberdade e autonomia, é sentir prazer e se divertir... Alegria é o que dá completude e sentido ao viver. Alegria é algo para ser sentido e não explicado.

Divaneide Lira Lima Paixão e Ondina Pena Pereira (2001), afirmam em seu artigo que, segundo Clément Rosset:

[...] a alegria é um tipo de satisfação incoerente e irracional facultada a toda e qualquer coisa, como um sentimento irrestrito de toda forma de existência presente, passada ou que está por vir. Mesmo estando suspensa em nada e privada de qualquer base, a alegria permanece como um algo a mais na existência humana, um algo a mais que mesmo o mais alegre dos homens não é capaz de exprimir ou explicar. Ela pode ser entendida como satisfação de uma espera ou o simples prazer de existir, e pode também, em certo momento, dispensar qualquer razão de ser. [...] a alegria é a força, por excelência, que deve advir exatamente com o reconhecimento do caráter trágico da existência, isto é, da impossibilidade desta fornecer qualquer razão a si própria. (PAIXÃO E PEREIRA, 2001, p. 169 e 170).

E o que é alegria para os meninos e meninas que participam de projetos de Circo Social? Ouso dizer que para eles alegria é o próprio circo e tudo que envolve esta arte; é poder ter a possibilidade de ter sonhos e de acreditar em um futuro melhor; é viver entre a fantasia e o real, entre o impossível e o possível; é estar entre amigos; é fazer aquilo por diversão ou por busca de uma profissão (ou pelos dois motivos ao mesmo tempo); é vivenciar toda a magia do circo e aprender a superar desafios;... É ser artista e fazer a alegria do público. Alegria é Crescer e Viver, exatamente na ambigüidade que estas duas palavras podem ter (ou seja, é o projeto em si e é o que estas palavras significam literalmente).

## **3.2 Relatos e reflexões sobre o circo social Crescer e Viver**

### **3.2.1 A escolha do tema**

A escolha deste tema foi como uma intuição, algo não premeditado circundado por uma paixão ingênua pelo circo, sentimento tal incentivado pelos meus avós ainda na minha infância. Envolvida por esta emoção, assistindo uma aula de Educação Popular, surgiu o desejo de “monografar” sobre uma das possíveis organizações de Educação popular / práticas em São Gonçalo que seria convidada para palestrar durante nosso curso: a Escola de Circo “Pequeno Tigre” (cultura/educação). Inicialmente pensei ser utopia a escrita sobre tal tema, entretanto, incentivada pela professora da disciplina – hoje, minha orientadora neste trabalho – percebi que meu sonho poderia sim tornar-se realidade.

### **3.2.2 Ponto de partida**

Comecei como “quem não quer nada”, fazendo pesquisas na internet e freqüentando bibliotecas. Posteriormente, procurei saber se a *Escola de Circo Pequeno Tigre (Programa Social Crescer e Viver do Grupo Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra)* ainda existia, visto que esta utilizava as dependências da quadra do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra que mudou de endereço no ano de 2005. Assim, descobri que a *Escola de Circo Pequeno Tigre* havia perdido a sociedade com a escola de samba de São Gonçalo e, a partir deste ano, passara a desenvolver suas atividades no Centro Integrado de Educação Pública Waldemar Zarro e a ser designada por *Crescer e Viver*.

### 3.2.3 Entrando em contato e “a chegada da estranha”<sup>10</sup>

Através do site do Crescer e Viver, consegui números de telefone e e-mails e entrei em contato com o Coordenador Operacional e com o Coordenador Executivo Adjunto e Pedagógico do projeto para marcar uma visita.

Marcada a visita, eis que surgem alguns sentimentos: a alegria de ter conseguido a possibilidade de entrar em campo; o temor do primeiro encontro e de não ser aceita ou não ser bem recebida por ser estranha aos sujeitos do projeto; o receio de ser considerada um estorvo; dentre outras sensações.

“Do ponto de vista de uma pesquisa e de nossa própria vida, não sei se é possível driblar as expectativas/tensões dos primeiros encontros.” (Tavares, 2009) Repito estas palavras utilizadas por Tavares, pois não consegui obter êxito neste drible e não sei se isto é possível. Desde o primeiro contato, feito por telefone com o *Crescer e Viver*, as expectativas/tensões já eram inúmeras. Apesar de todo o ensaio feito anteriormente (para que eu não esquecesse de falar nada), acredito que devo até ter gaguejado. As expectativas/tensões continuaram durante a troca de e-mails e no primeiro encontro realizado em dezembro de 2007 e perpetuaram durante algum tempo. As expectativas ainda existem, a cada dia mais e mais, porém as tensões decorrentes dos primeiros encontros findaram-se graças à boa receptividade e ao aprazimento por parte dos integrantes do *Crescer e Viver* de São Gonçalo em relação a mim.

E foi no dia 11 de dezembro de 2007, em uma tarde ensolarada, que ocorreu meu primeiro contato presencial com o *Crescer e Viver*. Na época, o projeto funcionava no CIEP Waldemar Zarro (CIEP 249) – Brasilândia, São Gonçalo. A partir deste dia, traço uma relação de pesquisa, amizade e respeito com a instituição, seus profissionais, educandos e ex-educandos. Com estes, presenciei o momento de transferência do

---

<sup>10</sup> “*A chegada da estranha*” é uma expressão utilizada no título de um trabalho desenvolvido por Maria Tereza Goudard Tavares para a ANPED 2009. O objetivo principal deste trabalho é traçar a trajetória investigativa da autora junto às camadas populares no território da escola, a partir do estudo de alguns autores, tais como José de Souza Martins que escreveu, em 1993, o livro *A chegada do estranho*.

projeto para o CIEP Wladimir Herzog (CIEP 237) – Paraíso, São Gonçalo – e sofreu com o término das aulas do projeto de São Gonçalo.

### 3.2.4 Olhares curiosos se cruzam com olhares participantes: O que dizem os educandos e educadores do projeto

Este subtítulo objetiva elucidar, a partir das entrevistas realizadas com integrantes e ex-educandos do projeto de Circo Social Crescer e Viver de São Gonçalo, o que foi estudado. O perfil destes entrevistados é composto por meninos e meninas gonçalenses, das camadas populares, estudantes de escolas da rede pública de ensino, entre 14 e 19 anos.

Os educandos entrevistados concordam sobre a pertinência do projeto, tanto no que tange a educação, quanto no desenvolvimento pessoal. Sendo assim, percebemos que, para os participantes, o projeto tem relevância. Vejamos algumas falas que ilustram a opinião do educandos em relação à importância do *Crescer e Viver*:

Eu acho um projeto legal. Um projeto social bom. Realmente tira as pessoas da rua. Mas tem pessoas que não querem seguir aquilo, então não adianta. Tem pessoas boas trabalhando lá. Pessoas de qualidade. (R., 19 anos)

Acho uma instituição boa. Ali sai gente boa. Entra gente ruim ali e sai boa pra caramba. Que nem eu assim, entrei ali e não sabia fazer nem uma estrelinha. Hoje em dia eu faço mais do que isso. Lá é bom! Tem pessoas boas. É tranquilo, os equipamentos são bons. Tranquilidade. (A.H., 16 anos)

Partindo para uma opinião mais específica e de cunho pessoal, os educandos ainda afirmam:

Lá é minha raiz. Se eu não estivesse lá, hoje eu estaria aonde? Não sei onde eu estaria. Estaria na rua, zoando. Estaria fazendo alguma coisa, não estaria à toa, estaria fazendo curso. Estar lá mudou a minha vida pra caramba. [...]  
Se não existisse o Crescer e Viver, hoje eu estaria fazendo o que? Tem um amigo meu, que ele só fazia coisa errada, então chamei ele pra ir para o circo, ensinei um monte de coisa boa pra ele e os professores também e hoje ele vira pra mim e fala: “Caraca! Na moral, se não tivesse o circo, cara, nem sei se eu estaria vivo!” (A.H., 16 anos)

Não esqueço cada vitória, cada conquista e tudo que aprendi. Em relação ao ensino acho bom. Poderia ser melhor se tivesse um lugar só nosso aqui em São Gonçalo, um lugar fixo como tem lá no Rio. (W.D., 15 anos)

Outras falas também nos mostram que, apesar do projeto não existir mais no município de São Gonçalo, apesar das dificuldades e possíveis problemas existentes – levando em consideração que qualquer instituição, por melhor que seja, sempre deve repensar a sua prática para se aperfeiçoar e levar um trabalho ainda melhor para o seu público-alvo – os participantes e ex-participantes do *Crescer e Viver* deixam claro que o projeto tem grande valor e importância nas suas vidas:

É uma experiência que eu recomendo e que eu gostaria de continuar. (P., 14 anos)

Eu não quero me esquecer de nada! Não quero esquecer! (I., 16 anos)

O projeto não era perfeito, tinha alguns erros. Poderia ser bem melhor se, por exemplo, tivesse um lugar só nosso aqui no Porto da Pedra, mais professores, materiais novos. Mas, pra mim, o *Crescer e Viver* é um dos melhores. Não quero esquecer de nada. Quero ficar com tudo: lembranças, amigos, aulas, burrices, erros, vitórias, discussões, risadas, choros,... (W.D., 15 anos)

Nas falas expostas acima, percebemos que os educandos que participavam do *Crescer e Viver* de São Gonçalo estavam ali por entenderem que o projeto possibilitou aprendizados e transformações em suas vidas. Os educandos não negam o grande valor que o *Crescer e Viver* tem para eles. E lamentam o encerramento das atividades em São Gonçalo.

Aqui tem muita gente que gosta de treinar e que hoje em dia está à toa. Não podia terminar aqui porque se não fosse aqui não ia ter lá no Rio. Porque começou tudo aqui. Aqui que é a raiz. Daqui que saiu o projeto do *Crescer e Viver* pra ir pra lá. Então, eu acho que não podia terminar aqui. Porque tem muita gente hoje em dia que não está fazendo nada, que estava lá treinando. O tempo que tinha, ia pra lá, ficava lá. Não estava na rua à toa, fazendo nada. É, acho isso chato. (A.H., 16 anos)

O circo acaba! Eu fiquei sem base... Tiraram a minha base! [...] Minha vontade era ser artista de circo... Mostraram pra gente... Deu aquela vontade... E depois tiraram! Fiquei triste! (W.D., 15 anos)

Quero muito que o projeto volte para São Gonçalo. Sinto muita falta. (P., 14 anos)

A gente fica na esperança de que um dia vai voltar, mas até hoje nada. A gente não exige nem uma lona, a gente só quer um espaço para ter aula. (N., 15 anos)

Sendo assim, a vontade de ter acesso a um projeto de Circo Social e continuar aprendendo atividades circenses é unânime, por dois motivos fundamentais: primeiro

porque gostam do aprendizado circense e segundo porque reconhecem a importância e a falta que Crescer e Viver tem em suas vidas.

Os entrevistados afirmam que, quando existia o Crescer e Viver na cidade de São Gonçalo, o projeto havia causado mudanças positivas. Examinemos as falas:

Mudou muita coisa. Todas as crianças do CIEP estavam querendo fazer circo. Estava super lotado aquilo lá. Algumas crianças saíam da aula e iam para o circo e do circo iam pra casa, então não ficavam na rua. Ocupava mais a cabeça. Em vez de ficar na rua, em vez de fazer coisas errada. Muitas daquelas crianças sabem que os pais fazem coisas erradas, então ficavam com a mente ocupada. (R., 19 anos)

Mudou. Eu era muito atentado. Atentava todo mundo do ciep. Eu chego agora lá pra estudar e as pessoas falam: “É... Você mudou, né!?” e eu falo: “É. Mudei, né!?”. Todo mundo que ficava comigo na rua ia pro circo quando tinha aqui. Meus amigos, que antes ficam na rua comigo só jogando futebol, agora trabalham. Todo mundo mudou. Tem que mudar, pô! Porque a gente também incentiva, né?! Vamos pra escola, tal. (A.H., 16 anos)

Porém, depois que encerraram as atividades do Crescer e Viver em São Gonçalo, os ex-educandos deste projeto deixaram de ter aulas de circo. Ao perguntar as conseqüências do encerramento das atividades deste Circo Social neste município, os educandos e ex-educandos responderam:

Agora sei lá. Tem amigo meu que está fazendo curso, um está parado, outro está estudando. Quem está à toa vai voltar a ficar na rua, vai pra praia, não tem nada pra fazer. Acho que eles vão pra rua, zoar, vão curtir baile. Porque quando você tem circo, você fala: “Não vou não porque amanhã eu tenho circo e eu quero aprender mais coisas”. Agora não, eles vão responder: “Vamos. Não tem nada pra fazer mesmo”. (A.H., 16 anos)

As crianças vão voltar a fazer o que faziam antes. Acho que foi ruim para muitas pessoas ali que tinham vontade de querer ficar ali fazendo circo. Acabou então foi um choque pra eles. Não tem mais com o que ocupar a mente depois do colégio. (R., 19 anos)

Eu estou fazendo futebol e gosto muito, do mesmo jeito que gosto de circo. (W.L., 16 anos)

Eu fiz um cursinho de informática, mas o curso durou só seis meses. E agora que o curso acabou não estou fazendo nada. Eu queria me bandear para o Projeto do Patrick, lá em Jardim Catarina, mas minha mãe não deixou porque é muito longe. Então, de manhã eu vou para escola, de tarde não faço nada e à noite vou para a rua ou namorar. Acabar o circo prejudicou muita gente porque nesta época da nossa idade é época da gente fazer curso e tem muita gente sem fazer nada. (W.D., 15 anos)

Estou fazendo curso de inglês e depois vou para a escola. Mas nos dias que não tem curso eu fico a toa. Assim que acabou o circo a gente ainda ia uma vez ou outra lá no Patrick, mas lá é muito contramão e também é ruim de condução. (N., 15 anos)

Vou para a escola de manhã e depois da escola até à noite não faço nada. Antes eu ainda treinava um pouco de circo em casa, mas agora não dá mais. (P., 14 anos)

Eu trabalho na parte da manhã, à tarde não faço nada e estudo à noite. Mas os outros, que não estão fazendo curso ou trabalhando, ficam na rua o dia todo ou na internet. (L., 16 anos)

Outro aspecto interessante reafirmado pelas entrevistas é a questão do erro. Os educandos deste projeto dão outro sentido ao erro, confiando a este um caráter educacional. Ou seja, acreditam que com o erro é possível aprender e vão ainda mais além, pois mencionam que o erro pode sim ser um caminho para que o aprendizado ocorra de forma efetiva. Observemos as falas:

Não! Não tenho medo de errar não! Porque é errando que a gente aprende, né!? Tem que errar, errar, errar e tentar, tentar ate acertar e sair bonito. [...]  
Eu vou e faço de novo, tem que fazer de novo, não pode desistir. Se fiz uma vez, errei e cai. Fiz outra, cai mais feio ainda. Tem que respirar e tentar novamente. Aí eu vou tentando até fazer certo. (A.H., 16 anos)

Acho que errar é humano. É natural o erro no circo. Malabares, por exemplo, é lei da gravidade. Tudo que sobe, desce. Se você jogar e não pegar, vai cair no chão. O jeito é tentar e treinar. (R., 19 anos)

No circo, eu não tinha medo de errar não, em aula é normal você errar. Em colégio, isso foi mais depois que eu entrei para o circo, eu não tenho medo de falar não. Eu erro mesmo, mas pelo menos eu falei. Eu falo mesmo. (W.L., 16 ANOS).

É melhor você falar e saber se está errado, aí você vai melhorar, você vai concertar. Igual você no circo, você treina e pergunta: "Vê se está certo." aí respondem: "Não, está errado!". Vou tentar fazer melhor, vou tentar melhorar. Mas se eu ficar pra mim, com medo de alguém brigar comigo porque eu fiz a coisa errada, eu acho isso um jeito de pensar errado. (W.D., 15 anos)

Está aí um aprendizado muito importante e que deveríamos compartilhar: Independente da experiência do erro, os meninos e meninas deste projeto entendem que é preciso perseverar, ou seja, eles percebem que não se deve abandonar o aprendizado quando se erra e que, ao persistir tentando para alcançar o acerto, podem aprender com o erro e atingir o sucesso. Não devemos desistir no primeiro obstáculo que encontramos e, mesmo que existam vários obstáculos, ainda assim, devemos tentar novamente. E isto serve tanto para a escola, quando para a vida.

Cipriano Carlos Luckesi (1998), em seu estudo sobre o erro, disserta que a idéia de erro só existe se houver um padrão, avaliado como correto, a ser seguido. Além disso, o autor ainda enxerga o erro como uma tentativa de alcançar o correto:

Esta caracterização de “acerto e erro” é ampla e, usualmente, pode ser útil para expressar o esforço de alguém que busca, “no escuro do conhecimento”, um caminho para compreender ou para agir sobre o mundo. [...]

Quando se chega a uma solução bem-sucedida, pode-se dizer que se aprendeu positivamente uma solução; quando se chega a um resultado não-satisfatório, pode-se dizer – também positivamente – que ainda não se aprendeu o modo de satisfazer determinada necessidade. (LUCKESI, 1998, p.137).

Assim, o autor mostra durante o seu texto que o erro deve ser considerado como “suporte para o crescimento<sup>11</sup>”, como “caminho para o avanço<sup>12</sup>” e não como “fonte para castigo<sup>13</sup>”. E nos leva a refletir que é preciso saber utilizar o erro de forma proveitosa:

Tanto o “sucesso/insucesso” como o “acerto/erro” podem ser utilizados como fonte de virtude em geral e como fonte de “virtude” na aprendizagem escolar. [...]

O fato de não se chegar à solução bem-sucedida indica, no caso, o trampolim para um novo salto.

Não há por que ser hetero ou autocastigado em função de uma solução que não se deu de forma “bem-sucedida”. Há, sim, que se utilizar positivamente dela para avançar na busca da solução pretendida. [...]

Reconhecendo a origem e a constituição de um erro, podemos superá-lo, com benefícios significativos para o crescimento. (LUCKESI, 1998, p.138).

O autor ainda finaliza o seu artigo afirmando que seu trabalho não tem o intuito de defender o erro como sendo essencial e indispensável. Pelo contrário, pretende mostrar que o erro não é necessário e que não se deve buscá-lo, entretanto, quando ele existir, pode e deve ser reaproveitado. Sendo assim, devemos saber usufruir positivamente dos erros cometidos, devemos tirar aprendizados destes e utilizá-los para alcançar o êxito. De tal modo:

Ressaltamos que, nesta reflexão, importa deixar claro que não estamos fazendo uma apologia do erro e do insucesso, como fontes necessárias do crescimento. [...]

O que desejamos ressaltar é o seguinte: por sobre o insucesso e o erro não se devem acrescentar a culpa e o castigo. Ocorrendo o insucesso ou o erro, aprendamos a retirar deles os melhores e os mais significativos benefícios, mas não façamos deles uma trilha necessária de nossas vidas. Eles devem ser considerados percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir, mas nunca alvos a serem buscados.

Reiteramos que insucesso e erro, em si, não são necessários para o crescimento, porém, desde que ocorram, não devemos fazer deles fontes de culpa e de castigo, mas trampolins para o salto em direção a uma vida consciente, sadia e feliz. (LUCKESI, 1998, p.139 e 140).

---

<sup>11</sup> LUCKESI, 1998, p.139.

<sup>12</sup> Idem, 1998, p. 139.

<sup>13</sup> Ibidem, 1998, p.139.

Ainda sobre esta questão do erro, quando indagados sobre o que acontece quando o eles erram, os entrevistados responderam:

[...] tem uma corda assim que coloca na cintura pra segurar a pessoa, aí vai segurando, têm professores lá também que são maneiros, ajudam, fica em cima, incentiva: “Não. Você errou aqui, tem que fazer isso”. [...] Está errando, tem que treinar mais, com o professor, com meus amigos. (A.H., 16 anos)

Recebíamos incentivos dos professores, mas recebíamos mais ainda dos amigos. Os que eram mais avançados ensinavam à gente. (P., 14 anos)

Quando o professor estava perto ele ajudava, quando estava ensinando ele ajudava. Mas quando estávamos fazendo sozinhos, nós ajudávamos um ao outro. (W.D., 15 anos)

Recebíamos ajuda no treino, assim: “Quando acontecer isso, você errar, não faz isso. Não pára, não fica olhando, disfarça, emenda, improvisa, inventa alguma coisa.” (W.L., 16 anos)

Talvez seja este o segredo ou um dos segredos – o incentivo e a ajuda dos educadores e amigos – para os educandos do *Crescer e Viver* não terem medo do erro. Seja de modo pessoal (observado pelo próprio indivíduo) ou de modo participativo (observado e ajudado por educadores, amigos, familiares, etc.), é importante que haja um acompanhamento das atividades, averiguação do problema ou erro (o que permite a revisão e a reorientação), auxílio para concertar ou melhorar o que não está suficientemente correto, e incentivo que possibilite o avanço.

O *Crescer e Viver* de São Gonçalo nunca teve uma sede própria e esteve, durante os seus sete anos de existência, localizado em três locais diferentes (em uma quadra de Escola de Samba e em dois CIEPs). Já o projeto da cidade do Rio de Janeiro ocorre em uma lona armada em um terreno da Praça Onze. Alguns educandos participam do projeto já há tanto tempo, que conheceram todos estes espaços. Um desses educandos, quando indagado sobre a diferença entre os ambientes, respondeu:

A diferença são as pessoas e o lugar. Na escola de samba eu conhecia todo mundo, a estrutura era boa, só não tinha lona e arquibancada, era como se fosse num circo pra mim. Enchia quando tinha apresentação. Se colocasse arquibancada então, ia lotar aquela quadra ali, como se fosse apuração de escola de samba. E no CIEP, eu conhecia todo mundo também, os alunos são esforçados, as pequeninhas já estavam dando mortal, se jogavam mesmo. Lá no circo tem aquela coisa, né!? É lá no Rio. Embaixo da comunidade, e você não conhece, é difícil. Eu fico meio bolado. A estrutura da lona é boa, no CIEP não tinha estrutura nenhuma, aí fica difícil. (A.H., 16 anos)

De acordo com esta fala, observamos que um dos problemas de ter aulas de circo numa escola é a falta a estrutura para fazer algumas atividades, como por exemplo, as modalidades aéreas. E essa estrutura torna-se essencial para os educandos mais antigos que buscam se aperfeiçoar.

O intuito do *Crescer e Viver* não é, necessariamente, a formação de profissionais circenses. Como disse o coordenador deste Circo Social, em vídeo (informação verbal)<sup>14</sup> divulgado pelo “canal crescer e viver no site youtube”:

O bacana é se esse circo conseguir, se nossa metodologia conseguir contribuir pra formação de sujeitos que venham das classes populares, mas que sejam médicos, que sejam pesquisadores, que sejam geógrafos, que ocupem cargos no serviço público, que ocupem espaços de poder. Esse é o barato! (JUNIOR PERIM, 2007)

Assim, o Circo Social, além de oferecer um possível campo de profissionalização, também busca colaborar na formação de profissionais de diversas áreas. Em relação à questão profissional, os educandos entrevistados querem seguir a carreira circense e o ex-educandos, em sua maioria, também tem (ou tinham) este sonho:

Eu estou ali pra mais pra frente me formar como circense mesmo. Eu quero isso. (R., 19 anos)

Pretendo treinar mais. Pretendo viajar, sair do Brasil. Nunca sai daqui, quero conhecer outro país. Treinar bastante para ser um artista ótimo. Quero continuar na carreira circense, mas também gosto de teatro. Se pintar um curso de teatro eu vou também. Eu não tenho dinheiro pra bancar um curso de teatro, mas se pintar um pra mim de graça, eu vou. (A.H., 16 anos)

Queria ser artista circense profissional porque além de fazer o que eu gosto, ainda ia receber por isso. (P., 14 anos)

Quero ser jogador de futebol. (W.L., 16 anos)

Eu queria ser artista de circo, né!? Mas como não dá, eu vou estudar bastante. (N., 15 anos)

Como tiraram meu sonho de ser contorcionista, eu quero ser pediatra. (W.D., 15 anos)

Os ex-alunos ainda expressaram a vontade de voltar para o circo:

Quero voltar para o circo. (P., 14 anos)

---

<sup>14</sup> Vídeo, de título *Circo Social*, gravado pela produção do prêmio Cultura Nota 10 (2007).

Se tiver aqui, eu penso sim em voltar para o circo. (W.D., 15 anos)

Eu estou estudando de tarde, então, pra mim, tinha que ter o projeto de manhã. (N., 15 anos)

Mais uma vez, observa-se a identificação destes com o mundo circense. Isto não só porque acham o circo divertido e legal, mas também porque encontram nele uma forma de superar desafios, de descobrir que conseguem fazer algo que nem imaginavam ser possível, por sonharem em se profissionalizar como circense e pelos aprendizados adquiridos.

A criança, o adolescente e o jovem que participa do *Crescer e Viver* aprende modalidades circenses como: acrobacia, acrobacia aérea, malabares, técnicas de equilíbrio e comicidade<sup>15</sup>. Estas modalidades circenses, tão bem desenvolvidas pelos educandos, nos revelam como estas crianças e jovens aprendem e desenvolvem habilidades corporais e teatrais com competência e maestria; competências estas que nem sempre são reconhecidas na instituição escolar.

Durante as aulas em São Gonçalo, havia um rodízio de exercícios – ou seja, as aulas ocorriam em “oficinas” simultâneas, sendo que, os educandos eram divididos em “turmas” (grupos de acordo com idade e grau de habilidade), e estas “turmas” tinham um determinado tempo para participar de cada “oficina”. E todos deviam participar deste rodízio de exercícios e fazer todas as atividades propostas, como afirma a fala abaixo:

No Crescer e Viver foi assim, eu aprendi assim. Aprende um pouco de cada coisa no Crescer e Viver. Tem que passar por tudo, não tem como você falar: “Não quero fazer isso”. Tem que fazer. Tem que aprender. Mesmo que eu não goste de fazer trapézio, lira, aéreo, mas tem que fazer. Contorção não tinha como porque eu não tenho coluna pra isso, mas eu fazia aéreo, malabares, solo, trapézio. Aí, fazendo você aprende e treinando você aprende mais ainda também. Prestava bastante atenção e fui aprendendo a cada dia mais. (A.H., 16 anos)

---

<sup>15</sup> Cada modalidade circense é composta por vários tipos de números circenses. Algumas das ensinadas no Circo Social *Crescer e Viver* são:

ACROBACIA → solo, contorção, trampolim acrobático, minitrampolim acrobático, cama elástica.

ACROBACIA AÉREA → tecido, trapézio simples.

MALABARES (MALABAR) → bolas, claves, diabolô, aros.

TÉCNICAS DE EQUILÍBRIO → arame baixo, perna-de-pau, monociclo, paradas e equilíbrios.

COMICIDADE → palhaço.

PIROFAGIA → performances com fogo.

Vale ressaltar que, no caso de São Gonçalo (diferente da lona do Rio que tem uma estrutura própria para circo e, por isso, ocorre aulas de todas as modalidades circenses), algumas atividades eram pouco realizadas e algumas não eram realizadas por falta de estrutura. Por exemplo, as aulas de trapézio ocorriam na época que o *Crescer e Viver* em São Gonçalo funcionava na quadra do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra, porém depois que o projeto passou para o CIEP, esta atividade aérea deixou de ser ensinada; o mesmo ocorreu com a técnica de equilíbrio arame baixo; já no caso da acrobacia aérea tecido, a modalidade era ensinada na quadra e também no CIEP Pastor Waldemar Zarro, porém não era ensinada no CIEP Jornalista Wladimir Herzog. Em relação à estrutura os entrevistados argumentam:

O pessoal lá do Rio é muito privilegiado. A apresentação deles não se comparava a nossa, de maneira nenhuma. Porque lá eles têm mais espaço, mais estrutura. (I., 16 anos)

Eu não peço deles nem uma lona, só um espaço, um galpão, alguma coisa. Um lugar que tenha estrutura pra aéreo porque se tiver estrutura pra aéreo dá pra fazer tudo. (W.D., 15 anos)

A estrutura da lona é muito boa. Na quadra do Porto da Pedra a estrutura também era boa, lá a gente tinha de tudo. Mas no CIEP não tinha estrutura nenhuma e era ruim pra fazer algumas coisas. (A.H., 16 anos)

Durante as observações, em visitas ao projeto de São Gonçalo, uma das coisas que mais me chamou a atenção foi a relação professor-aluno. Percebia o desenvolvimento da autonomia, bem como, a relação próxima entre os professores e os alunos, sem que se perca a autoridade e o respeito. Ou seja, a relação professor-aluno ocorria de forma aproximada e afetuosa, porém, sempre de forma muito respeitosa. Isto porque, apesar da amizade que existia, os alunos respeitavam seus educadores e sabiam que existem limites. Um dos professores um dia me disse:

Eles sabem que os seus direitos vão até onde não atinge os direitos do outro. (P.M., educador do Crescer e Viver, informação verbal, 2008).

Ainda neste sentido, o mesmo educador diz, ao ser abraçado por um dos educandos:

Viu! Eles me amam! [risos]

Eles são assim porque eu sou o que sou com eles. Brinco com meninos e com meninas, mas se eu tiver que dar bronca eu também dou. (P.M., informação verbal, 2008)

Isto mostra que não se sustentava naquele ambiente uma “hierarquia de poderes”. O professor deixa de lado o papel de soberano, de detentor do saber, e mantém uma relação entre iguais. Assim sendo, na relação pedagógica deve haver interação entre gerações. Educadores e educandos se educam entre si, a partir da interação humana. A relação educador-educando deixa de ser simplesmente formal e distante, para ser uma relação de interlocução, na qual ambos – educador e educando – colocam suas idéias em discussão, dialogam, criticam e expõem-se. “Destá maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também se educa.” (FREIRE, 2005, p. 68). Assim, “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.” (FREIRE, 2005, p. 79).

Para finalizar as entrevistas, propus a seguinte “pergunta-atividade”: “Agora, pra encerrar, eu quero que você me diga ou, se preferir, escreva: uma coisa que você aprendeu aqui no circo, outra que você aprendeu na escola e outra que você aprendeu em algum outro lugar (na vida) e que tenha mudado a sua vida (mudanças em seu comportamento, em seus sentimentos ou modo de agir)? Conte mais sobre estas aprendizagens.” Abaixo, transcrevo algumas das respostas:

O que eu aprendi no circo foi malabares e a convivência. Mudou porque eu sempre tive vontade de fazer trapézio, mas entrei e em uma semana já aprendi malabares, o básico, jogar três bolinhas, então aquilo ali foi pra mim... Foi... Cara! Como que consegui fazer isso que pra uns é tão difícil e pra mim foi super fácil. E a convivência porque era um grupo, tinha que estar ali todo dia ali com aquele mesmo grupo, tinha algumas pessoas que não se davam bem e outras que se davam super bem, então se uma pessoa estava mal, a gente estava sempre ali. Então mudou muito. Aprendi a conviver com aquelas pessoas que se davam bem e com aquelas que não estavam nem aí: “Ah! Se cair caiu!” E outras que pensavam de outro jeito: “Se cair, tem que estar ali. Se não cair, tem que estar ali do mesmo jeito!”.

Na escola, sei lá... As minhas amizades que eu quero levar. O “bê-a-bá”, essas coisas. Na vida, na verdade não aprendi muito, estou aprendendo ainda. Estou em fase de aprendizagem ainda. Mas o pouco que aprendi acho que vai mudar muita coisa. Relacionamento, aprendi muito. Família, aprendi muito. Amizade, tem umas que nós podemos confiar e outras não. Acho que a nossa melhor amiga é a mãe. Não adianta chegar pra uma pessoa e ah! Vou contar tudo! Não vou saber se essa pessoa dá valor à amizade ou não. Então acho que mãe e irmã são amigas pra vida toda. (R., 19 anos)

O que eu aprendi no circo? Aprendi a me comportar melhor, aprendi a ouvir, a andar de monociclo, tudo.

Na escola... Comer merenda! [risos] Mudou, engordei pra caraça! [risos]

Na escola o que mudou assim foi o relacionamento com os professores porque nenhum professor me agüentava. Isso eu aprendi no circo e levei para escola.

Na escola aprendi a ler, a escrever, a falar.

Na minha vida eu aprendi a viver. Aprendi a andar de bicicleta (mas pra quem anda de monociclo, bicicleta não é nada [risos]). Aprendi muita coisa. Quando você está em um lugar que você não conhece, não falar bobagem, senão as pessoas começam a te olhar de rabo de olho. Tem que saber onde você está. (A.H., 16 anos)

No colégio aprendi duas coisas: ler e escrever. No circo, me apresentar. Na vida, futebol. Agora sou mais disciplinado. Mesmo eu sendo agitado, sou mais disciplinado. (W.L., 16 anos)

Na escola... Não sei... Educação minha mãe me deu em casa, eu aprendi na vida. No circo, fiquei mais sentimental. (N., 15 anos)

Na escola eu aprendi a educação, a ter comportamento.

No circo eu aprendi a ser mais engraçada, ser mais espontânea, a cobrar menos de mim assim... Eu cobrava muito de mim assim: "Ah! Eu tenho que ser mais animada. Tenho que falar mais com os outros." No circo eu comecei a falar, a não ter vergonha do que eu sou.

O que eu aprendi na vida? A vida eu ainda estou vivendo. Estou aprendendo a ouvir sim, a ouvir não, a respeitar o sim, a respeitar o não.

O que mudou? Acho que fiquei mais sensível, eu era mais fria, sei lá. (W.D., 15 anos)

No circo, foi assim: Aprendi a ter uma relação mais coisa assim com os amigos, a ter uma união mais completa.

Na escola, a respeitar os espaços dos outros e a respeitar o meu próprio espaço.

E na vida, a ser mais responsável com algumas coisas que antes eu não me importava tanto e hoje eu tenho que levar mais a sério. (I., 16 anos)

No circo eu aprendi a ter responsabilidade. As pessoas confiarem em mim independente de eu estar aprendendo ainda.

Na escola eu aprendi a ler, escrever. E educação que aprendi, também, com os professores assim.

Na vida eu aprendi a ser uma pessoa melhor, a respeitar os outros e a me respeitar. (P., 14 anos)

Tendo em vista com tudo que foi estudado, visitas feitas ao projeto e entrevistas, podemos dizer que é possível utilizar o Circo Social como uma ferramenta de Educação Popular. Em sua ação educativa, o Crescer e Viver atinge o seu objetivo de promover o desenvolvimento e contribuir no processo de formação e educação de crianças, adolescentes e jovens das camadas e comunidades populares, por meio de atividades circenses, lúdicas, criativas, artísticas e culturais. Assim, estes meninos e meninas encontraram no picadeiro elementos para transformar a situação em que estão inseridos. E, ao mesmo tempo em que encontraram meios de modificar as suas vidas, descobriram que – com o circo e suas habilidades artísticas – são capazes de promover emoções, sensações, o uso da imaginação e da fantasia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS, AINDA QUE PROVISÓRIAS

É verdade que todo trabalho supõe um início, um meio e um fim. Mas como afirma Rodrigues (2002):

[...] um livro, enquanto fruto de uma reflexão intelectual e apaixonada, é a forma provisória de apresentação do que está sendo pensado. E se está sendo pensado, que sentido haveria em atribuir o título de conclusão a um dos momentos dessa ascensão do espírito? Não seria uma tautologia a anunciar que o que se apresenta ao leitor se constitui apenas de um dos degraus de um caminho que deve ser continuado? De outro lado, não creio que ocorra uma traição ao leitor entregar-lhe uma obra que o próprio autor julga inacabada. [...] Este [o trabalho intelectual] é um contínuo avançar e retornar. (RODRIGUES, 2002, p. 107 e 108).

Sendo assim, seria pretensão de minha parte acreditar que um trabalho monográfico de conclusão de curso poderia ser definitivo, de forma absoluta. Por outro lado, é preciso fazer algumas pontuações e conclusões provisórias.

O campo de pesquisa deste trabalho foi o projeto *Crescer e Viver*, mais especificamente o projeto que funcionava no município de São Gonçalo. Sobre este município Ladyane Gago Ribeiro (2009) disserta:

Uma cidade [São Gonçalo] localizada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no lado oriental da Baía de Guanabara, e que se expressa como um espaço de profundas contradições e conflitos sociais, rotulado por estigmas e ainda considerado como “cidade dormitório” que compõe uma população desfavorecida economicamente. (RIBEIRO, 2009, p. 28 e 29)

Talvez esteja no fato deste município ser “um espaço de profundas contradições e conflitos sociais” e por ser “considerado ‘cidade dormitório’”, o motivo de projetos, como o Circo Social *Crescer e Viver*, chegarem ao fim em São Gonçalo, mas continuarem na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, esta é uma argumentação que não pretendemos aprofundar nesta pesquisa monográfica.

Neste período final de escrita da monografia, percebo alguns dos muitos desafios a serem enfrentados por educadores e circenses na busca pela educação efetiva e de qualidade, bem como, (de forma mais particular no caso dos circenses, visto que se trata de um trabalho de pesquisa de Circo Social) pelo reconhecimento de seu trabalho.

Conhecer os educandos e os processos históricos e culturais que envolvem suas vidas, bem como, entendê-los, ouvi-los e reconhecê-los como seres repletos de saberes e potencialidades, sem dúvida são fatores essenciais para o sucesso educacional. Identificar, considerar e incentivar as capacidades dos alunos, bem como, os conhecimentos prévios e adquiridos é imprescindível. Daí, a importância de valorizar e desenvolver as aptidões circenses de crianças, adolescentes e jovens dos meios populares.

No desenvolvimento deste trabalho, confirmei as minhas expectativas iniciais. Ou seja, acredito que, com o que foi estudado e escrito nos capítulos anteriores, foram apresentados dados que comprovam que é possível utilizar a arte circense como ferramenta educacional, como aporte na formação e construção de conhecimento, e como elemento de contribuição na transformação das vidas dos sujeitos.

Segundo Renato Ortiz (1998), “o Brasil é o produto da mestiçagem de três raças: a branca, a negra e a índia.” (ORTIZ, 1998, p. 38). Portanto, a cultura brasileira também é resultado desta mestiçagem. E sendo mestiça a cultura nacional, torna-se contraditório exaltar a cultura branca como sendo superior, e desvalorizar as outras culturas. Do mesmo modo, a relação entre cultura e educação deve abolir uma visão preconceituosa em torno dos diversos tipos de culturas existentes.

Ao considerar a existência de culturas ditas “soberanas” e outras determinadas “subalternas”, se reforça a idéia de necessidade a aculturação do povo. Justifica-se, com esta linha de raciocínio, a idéia de que a escola e o educador devem transmitir saberes, ou seja, o conhecimento da elite. E ao julgar culto o que possui saber, trava-se uma relação de poder da cultura letrada sobre a não-letrada e/ou popular. Neste sentido:

Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo. (BOSI, 1992, p. 16)

De acordo com este tipo de pensamento, a educação é vista como modo formal de transmissão da cultura. Por outro lado, podemos dizer que a educação deve ser uma

das formas de compartilhar culturas e, assim, contribuir no processo de construção de conhecimento.

No caso do Circo Social, as atividades circenses são vistas como expressão da cultura popular, como instrumento educacional, como fonte de aprendizagem de valores e de cidadania, e como uma forma de inclusão social de crianças, adolescentes e jovens das camadas populares, por meio da arte.

Em entrevista ao programa Conexões Urbanas do canal televisivo Multishow<sup>16</sup>, Junior Perim dialoga sobre as relações entre Circo Social, cultura e desenvolvimento, bem como, justifica a existência dos espetáculos feitos pelos educandos do projeto:

Hoje, cultura cada vez está sendo mais apropriada como vetor de desenvolvimento. E quando a gente está falando de desenvolvimento de crianças e jovens, sobretudo de jovens, na condição do Rio de Janeiro, que você tem 18,2% da juventude, sem estudar, sem trabalhar, sem nenhum tipo de ocupação, sem fazer nada, há que pensar estratégias de inclusão produtiva. E isso é pelo viés do trabalho, é pelo viés da economia. Então, assim, mais do que ser uma referência, do ponto de vista Circo Social, a gente quer ser uma referência da produção circense no Brasil. A gente está com uns espetáculos disputando uma re-significação estética da produção criativa no circo. O circo como arte, como expressão artística, como modo de organização de espetáculo, ele vive aí alguns anos de dificuldade, pela falta de investimento e, também, por uma incapacidade dos gestores nessa área de pensar uma nova estética para o circo brasileiro. Eu acho que circo brasileiro tem que ser um espaço criativo da expressão viva da simbologia e da diversidade cultural brasileira. (JUNIOR PERIM, 2009)

Assim, o coordenador deste projeto reafirma a arte circense como expressão da cultura popular e apresenta o Circo Social como meio indireto e/ou direto de sustentabilidade e desenvolvimento pessoal-econômico-social.

Outra perspectiva importante é pensar no Circo Social como caminho possível para a educação integral da criança, do adolescente e do jovem. Educação esta que não aparta as questões culturais das questões educacionais.

Dentre outros aspectos, na relação entre Cultura, Educação e Circo Social fica clara a importância das atividades circenses como fortalecimento da auto-estima da criança, do adolescente e do jovem, especialmente, os das camadas populares. Os meninos e meninas gonçalenses, participantes do *Crescer e Viver*, vêem no circo uma possibilidade de sucesso fazendo o que gostam e no que são bons. Estes desenvolvem, sem grandes dificuldades, as modalidades circenses. Porém, estas

---

<sup>16</sup> Vídeo que foi ao ar, na televisão, no dia 06/11/2009 e disponível em: <http://www.crescereviver.org.br/> e no canal do AfroReggae no youtube: <http://www.youtube.com/user/AfroReggae>. Acesso em: 21/12/2009.

habilidades corporais desenvolvidas no circo, que causam admiração ao mesmo tempo em que surpreendem o espectador, geralmente não são aproveitadas no âmbito escolar. No caso dos ex-participantes a situação é ainda mais agravante, visto que, com o término do projeto em São Gonçalo, encontram um grande vazio no ambiente no qual se sentiam acolhidos e reconhecidos.

Fica então a crítica, sem intuito de julgamento, ao término do projeto no município de São Gonçalo. Afinal, isto deixou lacunas frente às expectativas e sonhos dos educandos gonçalenses.

Foi possível perceber, a partir desta escrita monográfica, das leituras, encontros, visitas e entrevistas, que o Circo Social, como prática da Educação Popular, permite uma pedagogia baseada no diálogo, na alegria e na esperança. Isto possibilita que, a criança, o adolescente e o jovem deste projeto, percebam a necessidade de lutar por sua liberdade e autonomia, em busca de uma realidade melhor. Afinal:

O mundo não é mundo. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferida na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. [...] Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 1996, p. 76 e 77)

E é na alegria circense que a escola de Circo Social *Crescer e Viver* encontra mecanismos para intervir na realidade e possibilitar a tomada de consciência, para que as camadas populares possam lutar em defesa de um futuro próspero, autônomo e livre.

Enfim, o trabalho aqui apresentado, é uma tentativa de colaborar nos estudos sobre arte-educação, em especial, no campo do Circo Social. Bem como, defende as diversas formas de educação e acredita na educação popular como prática de libertação e reflexão crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRÍA MANCILLA, Claudio Andrés. *O Trampolim da razão subalterna: Circo Social e o pensamento Social de Nuestra América*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. Circo Social. 2006. Disponível em:  
<<http://www.mataddesign.com/ser/circsoc.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. 1.ed. São Paulo: UNESP, 2003.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. *Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico*. Revista Stadium, Buenos Aires, ano 35, n.195, p.15-26, março de 2006. apud COSTA, Ana Carolina Pontes; TIAEN, Marcos Sergio; SAMBUGAR, Márcia Regina do Nascimento. *Arte circense na escola: Possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar*. Ponta Grossa, v.11, n.1, p. 197-217, 2008. Disponível em:  
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1508/1153>>. Acesso em: 08 jan. 2010.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARVALHO, Roberto Muniz Barretto de. *Georges Snyders: Em busca da alegria na escola*. São Paulo: 199-. Disponível em:  
<[http://titosena.fortunecity.com/Arquivos/Artigos\\_infancia/GEORGES%20SNYDERS.doc](http://titosena.fortunecity.com/Arquivos/Artigos_infancia/GEORGES%20SNYDERS.doc)>. Acesso em: 4 jul. 2010.

CIRCO SOCIAL. Produção de Marcia Derraik. Rio de Janeiro: 2007. Vídeo, son., color. Disponível em: <<http://br.youtube.com/crescereviver>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

CONEXÕES URBANAS NO MULTISHOW - 2ª TEMPORADA: CIRCO SOCIAL. Rio de Janeiro: 2009. Vídeo, son., color. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/user/AfroReggae>>. E, também, disponível em:  
<<http://www.crescereviver.org.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2009.

COOMBS, Philip Hall. *The world educational crisis*. NovaYork: Oxford University Press, 1985 apud TRILLA, Jaume. *A educação não-formal*. In: ARANTES, Valéria (org.). *Educação forma e não-formal: pontos e contrapontos*. 1.ed. São Paulo: Summus, 2008.

COSTA, Ana Carolina Pontes; TIAEN, Marcos Sergio; SAMBUGAR, Márcia Regina do Nascimento. *Arte circense na escola: Possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar*. Ponta Grossa, v.11, n.1, p. 197-217, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1508/1153>>. Acesso em: 08 jan. 2010.

CRESCER E VIVER. Disponível em: <<http://www.crescereviver.org.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias. Rebeldia e democracia na escola. In: Revista Brasileira de Educação. ANPED. Rio de Janeiro: Autores Associados, v.13, n. 39, p. 470-482, Set./Dez., 2008.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. *Breve relato do conceito de Alegria em Georges Snyders e Benedictus de Spinoza*. In: OLIVEIRA, Diene E. M. B.; FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha; SALERNO, Soraia Chafic El Kfourri. (Org.). *Educação: Identidades e Contexto*. Londrina: Unopar, 2001, p. 15-20. Disponível em: <[http://www.benedictusdespinoza.pro.br/Capitulo\\_Spinoza\\_Snyders.pdf](http://www.benedictusdespinoza.pro.br/Capitulo_Spinoza_Snyders.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2010.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 46.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ISIDORO, Naerton José Xavier; SILVA, Lucas Vieira Lima. *Educação física escolar: a arte circense como conteúdo de ensino*. Cadernos de Cultura e Ciência. Cariri, v.1, n.1, p. 83-91, 2008. Disponível em: <[http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/viewFile/7/V1n1art7\\_2007](http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/viewFile/7/V1n1art7_2007)>. Acesso em: 21 jan. 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos Luckesi. *Prática Escolar: do Erro Como Fonte de Castigo ao Erro Como Fonte de Virtude*. Série Idéias. São Paulo: FDE, n. 8, p. 133-140, 1998. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_08\\_p133-140\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p133-140_c.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2010.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação física: desenvolvendo competências. São Paulo: Phorte, 2 ed., 2006a. apud DUPRAT, Rodrigo Mallet. Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/dissertacao/Duprat.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/Duprat.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2010.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAIXÃO, Divaneide Lira Lima; PEREIRA, Ondina, Pena. *Uma interpretação de Clément Rosset sobre o conceito de alegria em Friedrich Nietzsche*. Episteme. Porto Alegre, n.13, p. 169-171, jul./dez., 2001. Disponível em: <[http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero13/episteme13\\_resenha\\_paixao\\_pereira.pdf](http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero13/episteme13_resenha_paixao_pereira.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2010.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sérgio; GUTIÉRREZ, Luis Linzmayer. As relações do Circo com a Escola. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí, São Paulo: Fontoura, 2008.

RODRIGUES, Neidson. *Elogio à educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.  
SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. *Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares*. Educação e Sociedade. Campinas, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, Set/Dez, 2004. apud COSTA, Ana Carolina Pontes; TIAEN, Marcos Sergio; SAMBUGAR, Márcia Regina do Nascimento. *Arte circense na escola: Possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar*. Ponta Grossa, v.11, n.1, p. 197-217, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1508/1153>>. Acesso em: 08 jan. 2010.

RIBEIRO, Ladyane Gago. A Questão Cultural em São Gonçalo: investigando os interesses em disputa nas Políticas Culturais da cidade. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SE ESSA RUA FOSSE MINHA. Disponível em:  
<<http://www.seessaruafosseminha.org.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2009.

SILVA, Ermínia; CÂMARA, Rogério Sette. *O ensino de arte circense no Brasil: Breve histórico e algumas reflexões*. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em:  
<<http://www.pindoramacircus.com.br/novo/textos/textos.asp>>. Acesso em: 03 maio 2008.

SILVA, Ermínia. *Saberes circenses: ensino/aprendizagem em movimentos e transformações*. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). *Introdução à pedagogia das atividades circenses*. Jundiaí, São Paulo: Fontoura, 2008.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SODRÉ, Muniz. Entrevista concedida a Azoilda Loretto da Trindade. *Cultura, diversidade cultural e educação*. In: TRINDADE, Azoilda Loretto; SANTOS, Rafael dos. *Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola*. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. “*A chegada da estranha*”: desafios político – epistêmicos da pesquisa com às camadas populares. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT06-5808--Int.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2010.

TRILLA, Jaume. *A educação não-formal*. In: ARANTES, Valéria (org.). *Educação forma e não-formal: pontos e contrapontos*. 1.ed. São Paulo: Summus, 2008.

\_\_\_\_\_. *La educación fuera de la escuela: enseñanza a distancia, por correspondencia, por ordenador, radio, video y otros medios no formales*. Barcelona: Planeta, 1985 apud GHANEM, Elie. *Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional*. In: ARANTES, Valéria (org.). *Educação forma e não-formal: pontos e contrapontos*. 1.ed. São Paulo: Summus, 2008.

\_\_\_\_\_. *O universo da educação social*. In: ROMANS, Mercè; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre: Artmed, 2003 apud GHANEM, Elie. *Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional*. In: ARANTES, Valéria (org.). *Educação forma e não-formal: pontos e contrapontos*. 1.ed. São Paulo: Summus, 2008.

**APÊNDICE A** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as Entrevistas

Meu nome é Joyce Froes Araujo e sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), localizada em São Gonçalo.

Estou realizando um estudo sobre o Circo Social como instrumento educacional. Deste modo, para tentar compreender a educação na sua diversidade e pluralidade cultural, procurei como campo de pesquisa o Circo Social do Crescer e Viver, no município de São Gonçalo. E o objetivo é conhecer melhor os educandos (alunos) que freqüentam a escola de Circo Social do Crescer e Viver e como esta instituição desenvolve as suas atividades. Pretende-se, também, com a conclusão deste trabalho, disponibilizar um material que apresente a importância da arte circense como instrumento de educação, contribuinte na transformação da vida dos sujeitos desta pesquisa.

Para isso, preciso realizar entrevistas sobre esses temas com alguns participantes (ou ex-participantes) do Crescer e Viver e peço a sua colaboração. É muito importante conhecer a sua opinião.

Essas nossas conversas serão gravadas. Tudo o que for conversado será mantido em sigilo e será utilizado para fins de pesquisa. O seu anonimato é garantido. Quando eu for escrever o meu trabalho, não vou colocar seu nome.

Os dados da pesquisa podem vir a ser publicados e divulgados, porém mantêm-se a garantia do sigilo que assegura a privacidade dos sujeitos e o anonimato das informações envolvidas na pesquisa. Caso ocorra a publicação e divulgação da pesquisa, não será utilizado o seu nome.

Não há nenhum risco em participar deste estudo. A sua participação é voluntária, gratuita e espontânea. Assim, você só participa se quiser e fica à vontade para não responder alguma pergunta específica quando não desejar ou quando ficar incomodado. Porém, volto a destacar que a sua participação é muito importante para que esta pesquisa ocorra.

A utilização deste material não gera nenhum compromisso de ressarcimento (ou seja, não haverá cobertura de despesas decorrentes da sua participação na pesquisa),

bem como não determina nenhuma forma de indenização (ou seja, não haverá cobertura material em reparação de eventuais danos causados, a você, pela pesquisa); visto que, como já esclarecido anteriormente, não há riscos na participação desta pesquisa.

Estou à inteira disposição para conversar sobre qualquer dúvida que apareça durante as nossas conversas. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam os números do meu telefone fixo e celular, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já, quero agradecer a sua atenção, ajuda e participação nesse estudo. Meu número de telefone é (021) \_\_\_\_\_ e meus números de celular são (021) \_\_\_\_\_ ou \_\_\_\_\_.

São Gonçalo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

---

Joyce Froes Araujo  
(Pesquisadora)

Declaro que entendi as informações e os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Declaro que entendi as informações e os objetivos da participação do menor, pelo qual sou responsável, na pesquisa e concordo que ele participe. Autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B** – Roteiro de entrevista com educando que também é monitor do Crescer e Viver: Perguntas Base

- 1) Qual o teu nome?
- 2) E todo mundo te chama de quê? (Tem apelido ou nome artístico?)
- 3) E quantos anos você tem?
- 4) E você estuda onde?
- 5) Qual a série (o ano)?
- 6) Como você ficou sabendo do Crescer e Viver? (E como é que você veio parar aqui no Crescer e Viver?)
- 7) E o que você acha do Crescer e Viver?
- 8) E por que você acha isto?
- 9) Qual a importância do Crescer e Viver na sua vida?
- 10) Você alguma vez já pensou em sair do projeto? Por quê?
- 11) O que você está achando do término das aulas de circo em São Gonçalo? (Está triste ou feliz? Por quê?)
- 12) Você já fez apresentação (espetáculo)? (aqui na lona – ciep ou lona do rio – ou fora)
- 13) E como foi a apresentação? (se mais de uma, falar de cada experiência)

- 14) O que você sentiu quando fez a apresentação?
- 15) Ficou nervoso? (Caso a resposta seja positiva: E o que aconteceu? O que fez pra passar o nervosismo? Recebeu ajuda?)
- 16) Você participou do espetáculo VIDA DE ARTISTA? Participou de que forma?
- 17) Como foi participar de um espetáculo aberto ao público? Conta pra mim um pouco sobre essa experiência. (O que você sentiu? Foi difícil? Recebeu ajuda para superar algo?)
- 18) Você participou do espetáculo UNIVVVERRSSO GENTILEZA? Participou de que forma?
- 19) Como foi participar de um espetáculo aberto ao público? Conta pra mim um pouco sobre essa experiência. (O que você sentiu? Foi difícil? Recebeu ajuda para superar algo?)
- 20) Já teve medo de fazer alguma coisa (algum exercício) aqui no circo? (Já teve medo de cair da perna de pau ou do monociclo?) (Caso a resposta seja positiva: E o que aconteceu? O que fez pra passar o medo? Recebeu ajuda?)
- 21) Aqui no circo, você tem medo de errar? Por quê?
- 22) E quando erra o que acontece? (Como você se sente? O que você faz? Alguém te ajuda?)
- 23) Antes de ter o Crescer e Viver aqui à tarde, você fazia o que quando saía da escola?

- 24) Você acha que mudou alguma coisa na sua vida depois que você começou a fazer aula de circo no Crescer e Viver?
- 25) O que você acha que mudou? (Caso a resposta seja negativa: Por que você acha que não mudou? Você não aprendeu nada que tenha lhe ajudado em algo?)
- 26) E o que você faz exatamente aqui dentro do Crescer e Viver? (Além de educando, qual a sua função ou cargo?)
- 27) Como são seus horários? Que horas e dias você vai pra escola? Que horas e dias você é educando no Crescer e Viver? E que horas e dias é monitor no Crescer e Viver?
- 28) Então você ensina aos outros educandos o que você aprendeu aqui?
- 29) O que você pode ensinar a eles? Mas por que você pode ensinar isto a eles?
- 30) E o que você mais gosta de fazer de todas as coisas do circo? Por quê?
- 31) Como você avalia a sua participação no Crescer e Viver? Por quê?
- 32) E no ciep (ou na própria comunidade / ou lá no outro ciep ou comunidade) você acha que mudou alguma coisa depois que o Crescer e Viver veio pra cá?
- 33) O que mudou? (caso a resposta seja negativa: Mas você não acha que antes as crianças não tinham alguma coisa legal pra fazer depois da aula – e as vezes faziam besteira na rua – e depois que começaram as aulas de circo aqui isto mudou? Porque agora elas ficam fazendo aula, né!?)

- 34)E você acha que os alunos (crianças, adolescentes, jovens) mudaram depois que começaram a fazer aula? Mudaram em que? (Ou mudou alguma coisa pra eles?)
- 35)Você acha que mudou mais alguma coisa?
- 36)O que vai mudar agora que o circo de São Gonçalo acabou?
- 37)Você continua na lona do Rio, mas e os outros educandos de São Gonçalo? O que você acha que vai mudar para eles? Qual conseqüência?
- 38)O que um educando que está no Crescer e Viver não deve esquecer?
- 39)O que você já aprendeu no Crescer e Viver e que nunca mais quer esquecer (que nunca mais esqueceu)?
- 40)Como vai ser se um dia você precisar sair do Crescer e Viver?
- 41)O que mais fará com quem tenha saudades do Crescer e Viver?
- 42)O que vai fazer se parar de freqüentar o Crescer e Viver?

Pergunta / Atividade:

- 43)Agora, pra encerrar, eu quero que você me diga ou, se preferir, escreva, uma coisa que você aprendeu aqui no circo, outra que você aprendeu na escola e outra que você aprendeu em algum outro lugar (na vida) e que tenha mudado a sua vida (mudanças em seu comportamento, em seus sentimentos ou modo de agir)? Conte mais sobre estas aprendizagens.

**APÊNDICE C** – Roteiro de entrevista coletiva com ex-educandos do Crescer e Viver:  
Perguntas Base

- 1) Qual o nome de vocês?
- 2) E chamam vocês de quê? (Tem apelido ou nome artístico?)
- 3) E quantos anos cada um tem?
- 4) E vocês estudam onde?
- 5) Qual a série (o ano)?
- 6) Como vocês ficaram sabendo do Crescer e Viver? (E como é que vocês foram parar no Crescer e Viver?)
- 7) Antes de entrar para o Crescer e Viver, vocês já sabiam fazer alguma coisa de circo (ex.: virar estrelinha, abrir espacá, fazer malabares, ... qualquer coisa...) ou não sabiam fazer nada e aprenderam tudo no crescer e viver?
- 8) E o que acham do Crescer e Viver?
- 9) E por que acham isto?
- 10) Qual a importância do Crescer e Viver na vida de cada um de vocês?
- 11) Quando vocês faziam parte do projeto, alguma vez já pensaram em sair? Por quê?
- 12) O que estão achando do término das aulas de circo em São Gonçalo? (Está triste ou feliz? Por quê?)

- 13) Vocês já fizeram apresentação (espetáculo)? (aqui na lona – ciep ou lona do rio – ou fora)
- 14) E como foi a apresentação? (se mais de uma, falar de cada experiência)
- 15) O que cada um sentiu quando fez a apresentação?
- 16) Ficaram nervosos? (Caso a resposta seja positiva: E o que aconteceu? O que fez pra passar o nervosismo? Recebeu ajuda?)
- 17) Vocês participaram do espetáculo VIDA DE ARTISTA? Participaram de que forma? (\*)
- 18) Como foi participar de um espetáculo aberto ao público? Conta pra mim um pouco sobre essa experiência. (O que sentiu? Foi difícil? Recebeu ajuda para superar algo?) (\*)
- 19) Vocês participaram do espetáculo UNIVVVERRSSO GENTILEZA? Participaram de que forma? (\*)
- 20) Como foi participar de um espetáculo aberto ao público? Conta pra mim um pouco sobre essa experiência. (O que sentiu? Foi difícil? Recebeu ajuda para superar algo?) (\*)

(\*) Caso a resposta seja negativa para as perguntas acima (17, 18, 19 e 20), perguntar: Mas vocês assistiram a estes espetáculos? E o que acharam? Por quê? E como foi ver jovens como vocês ali fazendo parte do espetáculo, alguns até amigos de vocês, como foi isso? Sentiram vontade de ter aquela oportunidade também?

- 21) Vocês participaram de alguma gravação para programa de televisão ou para dvd? E como foi participar de uma gravação que seria vista por milhões de pessoas do Brasil inteiro? Conta pra mim um pouco sobre essa experiência.
- 22) Já tiveram medo de fazer alguma coisa (algum exercício) no circo? (Já teve medo de cair da perna de pau ou do monociclo?) (Caso a resposta seja positiva: E o que aconteceu? O que fez pra passar o medo? Recebeu ajuda?)
- 23) No circo, vocês tinham medo de errar? Por quê?
- 24) E quando erravam o que acontecia? (Como se sentia? O que fazia? Alguém ajudava?)
- 25) Antes de ter o Crescer e Viver aqui em SG à tarde, vocês faziam o que quando saíam da escola?
- 26) Vocês acham que mudou alguma coisa na vida de cada um de vocês depois que começaram a fazer aula de circo no Crescer e Viver?
- 27) O que acham que mudou? (Caso a resposta seja negativa: Por que acha que não mudou? Você não aprendeu nada que tenha lhe ajudado em algo?)
- 28) E o que vocês faziam exatamente dentro do Crescer e Viver? (Além de educando, qual era a sua função ou cargo? Era monitor? Ajudava os outros educandos?)
- 29) E vocês ajudavam aos outros educandos a fazer o que já haviam aprendido?
- 30) O que cada um de vocês podia ensinar a eles? Mas por que vocês podiam ensinar isto a eles? (Em que podiam ajudá-los? Por que vocês podiam ajudá-los?)

31) Quando existia o Crescer e Viver em SG, como eram seus horários? Que horas e dias vocês iam pra escola? Que horas e dias vocês eram educandos no Crescer e Viver? (Caso tenha algum ex-monitor: E que horas e dias eram monitores no Crescer e Viver?)

32) E agora? Sem o Crescer e Viver, como são seus horários? Que horas e dias vocês vão pra escola? (\*)

33) Estão fazendo alguma outra atividade para ocupar o horário que ficavam no Crescer e Viver? Além de estudar, estão fazendo alguma outra coisa no horário que não estão na escola? O que fazem quando não estão na escola? (\*)

(\*) Dependendo da resposta, perguntar: Vocês estão fazendo outras atividades além de estudar (ou alguns de vocês estão fazendo outras atividades nos horários livre e alguns não), e os outros educandos? Como acham que está a vida deles sem o Crescer o Crescer e Viver? O que você acha que mudou para eles? Será que tiveram oportunidade de fazer outras atividades? Qual consequência?

34) Ainda treinam circo? Em casa (por conta própria) ou em algum curso ou projeto?

35) E o que cada um mais gostava ou gosta de fazer de todas as coisas do circo? Por quê?

36) Como cada um de vocês avalia a sua participação no Crescer e Viver? Por quê?

37) E no ciep (ou na própria comunidade / ou lá no outro ciep ou comunidade) vocês acham que mudou alguma coisa depois que o Crescer e Viver veio pra cá?

38) O que mudou? (caso a resposta seja negativa: Mas não acha que antes as crianças não tinham alguma coisa legal pra fazer depois da aula – e as vezes

faziam besteira na rua – e depois que começaram as aulas de circo aqui isto mudou? Porque agora elas ficam fazendo aula, né!?)

39)E vocês acham que os alunos (crianças, adolescentes, jovens) mudaram depois que começaram a fazer aula? Mudaram em que? (Ou mudou alguma coisa pra eles?)

40)Vocês acham que mudou mais alguma coisa?

41)O que vai mudar ou o que mudou agora que o circo (Crescer e Viver) de São Gonçalo acabou?

42)Alguns poucos educandos de SG foram para a lona do Rio, mas e vocês e os outros educandos de São Gonçalo? O que acham que mudou ou vai mudar para vocês? Qual consequência?

(\*) Você, por exemplo, não está fazendo outra atividade. Como é isso pra você?

(\*) Você, por exemplo, está fazendo outras coisas, mas não faz mais circo. Como é isso pra você?

(\*) Você está fazendo circo em outro lugar. Como está sendo esta experiência pra você? O que mudou pra você sem o Crescer e Viver? Qual a consequência? E para os outros educandos que não seguiram em outro circo, como você acha que tem sido a vida deles sem o circo?

43)O que um educando do Crescer e Viver não deve esquecer?

44)O que cada um de vocês já aprendeu no Crescer e Viver e que nunca mais quer esquecer (que nunca mais esqueceu)?

45)Como foi receber a notícia de que o Crescer e Viver de SG acabaria?

46)E o que pensaram em fazer depois que tivessem que parar de freqüentar o Crescer e Viver?

47)Como foi ter que sair, de verdade, do Crescer e Viver?

48)O que mais tem saudades do Crescer e Viver?

49)Gostariam que o Crescer e Viver voltasse para SG?

50)O que cada um de vocês quer para o futuro? Ainda pensam em voltar para o circo? Pensam em ser artista circense profissional? (Gostariam?)

Pergunta / Atividade:

51)Agora, pra encerrar, eu quero que cada um de vocês me diga ou, se preferir, escreva, uma coisa que aprendeu no circo, outra que aprendeu na escola e outra que aprendeu em algum outro lugar (na vida) e que tenha mudado a vida de cada um de vocês (mudanças em comportamento, em sentimentos ou modo de agir)? Conte mais sobre estas aprendizagens.